

UNIVERZITA PALACKÉHO V OLMOUCI

Filosofická fakulta

Katedra romanistiky

**O Tema da Solidão em Contos de Lygia
Fagundes Telles e Maria Judite de Carvalho**

**Loneliness in Short Stories by Lygia Fagundes
Telles and Maria Judite de Carvalho**

(Magisterská diplomová práce)

Autor: Bc. Magdaléna Kulhajová

Vedoucí práce: PhDr. Zuzana Burianová, Ph.D.

Olomouc 2016

Prohlašuji, že jsem tuto magisterskou diplomovou práci vypracovala samostatně pod odborným vedením PhDr. Zuzany Burianové, Ph.D. a uvedla v ní veškerou literaturu a ostatní zdroje, které jsem použila.

V Olomouci dne.

Podpis

Poděkování

Děkuji vedoucí této práce Zuzaně Burianové za její komentáře, připomínky a doporučení a za její trpělivost, podporu a motivaci při psaní této práce. Děkuji celému portugalskému kabinetu romanistiky Univerzity Palackého za nepřeborné množství informací o lusofonním světě a portugalštině. Děkuji Portugalskému Centru v Praze za možnost příležitostně utéct do přívětivého prostoru portugalského jazyka. A děkuji všem těm, kteří v těch náročnějších chvílích věřili v sepsání těchto stránek a podpořili mě.

Conteúdo

Introdução	6
1. Pelas paisagens da solidão: teorias e opiniões	9
2. Lygia Fagundes Telles: a solidão dos que ficaram	17
3. Maria Judite de Carvalho: condenados a ficar sós	29
4. Entre o desencontro e as palavras poupadas	40
Conclusão.....	46
Resumé.....	49
Summary	50
Bibliografia	51
Anotace	54

Introdução

“‘Onde estão os homens?’ repetiu enfim o Príncipezinho. ‘A gente está um pouco só no deserto.’

‘Entre os homens também’, disse a serpente.”¹

Levantamos os olhos das páginas do livro de Antoine de Saint-Exupéry e pomo-lo na mesa. Será que o Príncipezinho tem razão? Será que a tem a serpente? Estamos abandonados num deserto ou ficamos sozinhos enquanto ao nosso lado sempre passa uma multidão de pessoas? E, por conseguinte, o que se esconde detrás da palavra “a solidão”? Refere-se ao sentimento de se sentir sozinho ou ao estado de ficar abandonado? Olhamos da janela para ver o mundo lá fora: o século XXI. Estamos ainda no princípio, no ano de 2016. Ainda ressoam as mudanças do século XX que formaram a sociedade na qual hoje vivemos – as mudanças socioeconómicas e políticas. E ainda não conseguimos quebrar os silêncios e falar abertamente sobre alguns acontecimentos – as Guerras Mundiais, a Guerra Fria, as ditaduras e os crimes ligados com elas. Porém, não nos podemos esquecer desta parte da história. Faz parte de nós. Contudo, algumas destas mudanças fazem-nos hesitar e reformular as nossas ideias sobre o mundo. Destruímos os valores do mundo “velho” e ficamos um pouco confundidos com o que está a surgir ao nosso lado. É a modernidade.

O século XXI é cheio de movimento: os carros um detrás do outro; os aviões nos aeroportos; a gente na rua que está sempre com pressa para não perder nem um minuto; as notícias e as informações que vêm de todas as partes do mundo e estão sempre ao nosso alcance via a televisão, os diários e a Internet, e, afinal, também os nossos pensamentos que estão sempre inquietos e nunca param. O século XXI não sossega. Além disso, é caracterizado pela pluralidade de opiniões e pela variedade das possibilidades entre as quais podemos escolher. Por um lado, tudo isto são coisas boas que nos permitem ter uma vida de uma certa qualidade. Por outro lado, se for possível caracterizar uma época via um verbo, para a época na qual vivemos agora

¹ „Kde jsou všichni?“ ozval se nakonec malý princ. „V poušti si jeden přijde osamělý...“ „To často i mezi lidmi,“ odušil had.“Antoine de Saint-Exupéry, *Malý Princ* (Praha: DOBROVSKÝ, 2016), p. 60. A tradução foi encontrada no texto online Antoine de Saint-Exupéry, *O Príncipezinho*, p. 32, disponível em [http://www.mentebinaria.com.br/files/verdade/Antoine%20De%20Saint-Exupery%20-%20O%20Pequeno%20Principe%20\(Ilustrado\).pdf](http://www.mentebinaria.com.br/files/verdade/Antoine%20De%20Saint-Exupery%20-%20O%20Pequeno%20Principe%20(Ilustrado).pdf) (acessado em 07/11/2015).

escolheríamos o verbo “ter”. Temos a oportunidade, temos a possibilidade, temos o dinheiro, temos os carros, temos a Internet cheia de informações, temos muita gente ao nosso redor, etc. E a solidão? Também a temos?

Se decidimos ver o mundo não somente da nossa janela e saímos para a rua, vemos pessoas no metro que têm medo de levantar a cabeça e olhar aos outros, uma mãe que grita ao seu filho só por ele tocar umas folhas caídas, namorados num café que em vez de conversar mantém as suas conversações virtuais via telemóvel ou ipod, uma mulher idosa com o saco pesado na mão sem ter ao seu lado alguém que a ajude a subir ao elétrico. As conversas que ouvimos ao passar pela esta rua são geralmente sobre os problemas entre pessoas ou no trabalho. De repente nos damos conta de que nos encontramos no mundo de medos, problemas e isolamento. É um mundo que provoca sentimentos desagradáveis e nós começamos a procurar uma saída dele.

Voltamos da rua. Contudo, em vez de abrir *O Príncipezinho* de Antoine de Saint Exupéry que está à nossa espera na mesa, abrimos os livros de vários pesquisadores que dedicaram as suas obras ao tema da solidão. São, em geral, filósofos, sociólogos e psicólogos que procuram o sentido desta palavra. Começamos esta leitura nas páginas de *Upanishads* e da *Bíblia*, vemos a obra de Aristóteles e de vários pesquisadores contemporâneos como, por exemplo, Erich Fromm, Zygmunt Baumann ou Paul Tillich. E começamos a descobrir várias faces da solidão: a solidão que faz parte intrínseca da existência do ser humano, a solidão como a necessidade de ter ao lado uma companhia, a solidão como a falta de comunicação, a solidão que resulta de sentir-se abandonado, a solidão que inicia o processo criativo, etc. Ao fechar estes livros temos o primeiro capítulo deste trabalho.

E *O Príncipezinho* recorda-se. Neste momento faz-nos lembrar que a solidão como tema inspirou várias obras literárias. A primeira coisa que temos na cabeça é o existencialismo – a corrente literária que surge na segunda metade do século XX e cujo tema principal é a solidão humana e o sentido da vida. Recordamos os nomes como Alberto Camus, Jean Paul Sartre, Vergílio Ferreira ou Fernando Namora. Logo abre-se uma ampla paisagem dos livros nos quais poderíamos ler sobre a solidão: *Robinson Crusoe* de Daniel Defoe, as obras da escritora brasileira Clarice Lispector ou do autor alemão Herman Hesse, a obra de Franz Kafka, etc. Qual seria o livro que vamos escolher nós?

Abrimos novamente *O Príncipezinho* para recordar o diálogo entre ele e a serpente e o tema da solidão. E, para um momento olhamos da janela ao nosso século XXI para recordar a gente que encontramos na rua, as conversações e situações. Encontramos a fonte principal do tema da solidão e a sociedade moderna. Além disso, procuramos entre os autores de língua portuguesa e a última condição para fazer a escolha final é que sejam mulheres. Acima de tudo o mencionado, a modernidade trouxe consigo também a igualdade de direitos entre os homens e as mulheres. Às vezes parece que as mulheres aproveitaram esta igualdade só para serem iguais aos homens e sente-se a falta do feminino no mundo moderno. Que, então, para que tenham a preferência neste trabalho.

Há duas autoras de língua portuguesa que talvez também tenham caminhado na rua para encontrarem a inspiração para as suas obras. Trata-se da escritora brasileira Lygia Fagundes Telles e da autora portuguesa Maria Judite de Carvalho que retratam na sua obra as sociedades da segunda metade do século XX. Lygia Fagundes Telles publica até hoje. Partilham também o seu interesse pelo ser humano, sobretudo, pelas vidas dos homens e das mulheres ordinários. As suas histórias desenvolvem-se sobretudo em contos – o género literário preferido delas. E, o tema que frequentemente aparece nas suas obras é a solidão.

O tema principal deste trabalho é a solidão nos contos de Lygia Fagundes Telles e Maria Judite de Carvalho. Ambas as autoras partilham o tema pelo qual se interessam e, também, escolheram para os seus contos a época, o ambiente e o tipo das personagens semelhantes – retratam nos seus contos a segunda metade do século XX e descrevem a vida quotidiana das pessoas ordinárias, sobretudo, os momentos difíceis da sua vida. Isso permite a comparação entre elas. No primeiro capítulo concentramo-nos em termo de solidão e procuramos o seu significado. No segundo e no terceiro capítulo deste trabalho vamos analisar o tema da solidão nas suas obras das autoras para podermos, logo no quarto capítulo, apresentar uma comparação entre as maneiras de como elas elaboram este tema.

1. Pelas paisagens da solidão: teorias e opiniões

A solidão pode denominar um estado ou um sentimento. Ou seja, existe a diferença entre a solidão digamos física e a psíquica. Se uma pessoa está sozinha em algum lugar onde não há mais ninguém usamos a palavra solidão como o conceito que descreve o estado físico ou espacial. No outro caso o termo solidão refere-se a um estado psíquico. Uma pessoa pode sentir-se sozinha apesar de estar rodeada por uma multidão de pessoas. Ao referir-nos à solidão como um sentimento psíquico, a solidão torna-se um conceito abstrato. Já não é possível classificá-la só na base de alguém ficar sozinho dentro de algum espaço determinado. Entramos no campo da subjetividade e as definições são diretamente ligadas com a experiência individual. Entram em jogo as emoções e os juízos de quem fala sobre a solidão e a solidão adquire várias formas. Podemos ligá-la, por exemplo, com a impossibilidade de partilhar os pensamentos, as emoções e os medos com o outro. Tendemos a perceber a solidão como algum sentimento desagradável. Há momentos quando estes dois significados coincidem e o facto de estar sozinho provoca também o sentimento de ficar abandonado no nosso mundo interior. Mas nem sempre é assim. Há momentos quando nos sentimos bem ao passar alguns momentos a sós. O tema da solidão, por tanto, é um tema complexo e a subjetividade com a qual caracterizamos a solidão não permite dar as respostas e definições exatas. Porém, ao mencionar algumas das ideias e opiniões dos filósofos e pesquisadores que trataram este tema, entramos em diálogo com várias teorias e delimitamos as características essenciais do termo solidão que vão facilitar a análise literária dos contos de Maria Judite de Carvalho e Lygia Fagundes Telles.

As referências ao tema da solidão podemos encontrar, por exemplo, na *Bíblia* ou em *Upanishads*. Ambos os textos podemos considerar como os documentos fundamentais das culturas respetivas, da cristã e da hindu.² Por tanto, servem como a fonte dos valores das sociedades respetivas e afetaram o seu carácter. Ao contrário dos textos que vão ser apresentados mais tarde, na *Bíblia* tanto como em *Upanishads*, não encontramos a análise explícita do conceito da solidão nem consideramos a solidão ser o tema principal destes livros. Porém, encontramos os momentos quando a solidão desempenha um papel importante. A questão de sentir-se sozinho está presente no momento da criação do

² *Upanishads* são uns dos textos básicos da cultura indiana e fazem parte das fontes religioso-filosóficas desta região.

mundo e é um momento decisivo tanto na concepção do mundo cristã como na apresentada em *Upanishads*.

Numa das *Upanishads*, no livro *Brijad-araniaka-upanishad*, Iagnhavalkia³ explica como o mundo foi criado. De acordo com o que ele diz, no princípio de tudo houve Eu. Isto é uma substância que dá origem ao resto do mundo. Faz parte de nós, dos animais, das plantas e das flores, de tudo o que vemos ao nosso redor. É a essência primária. Antes de criar tudo isto, Ele encontrava-se sozinho no mundo. E, como podemos ver no exemplo seguinte, para Ele isso foi um sentimento insuportável: “Mas ele não [Eu] se sentia nada de bem. É por isso que ninguém sente-se bem se ficar sozinho. Sentia o desejo de alguém outro. Cresceu ao tamanho dum homem e mulher firme abraçados. Partiu a si mesmo em dois: e assim nasceram o marido e a esposa. «Cada um [de nós] então somos só a metade da totalidade», dizia o Iagnhavalkia.”⁴ Assim, o sentimento da solidão levou Ele a criar um casal. A partir deste momento existem os dois que fazem a companhia um ao outro e não se deixam na solidão. E, por que Ele se sentia sozinho? O que o realmente incomodava e por que precisava do outro? O Iagnhavalkia explica: “Porque lá onde como se houvesse a dualidade, respeita um ao outro, um vê o outro, um ou o outro, fala um com o outro, pensa um sobre o outro, conhecem-se. Mas onde tudo tornou-se (único) eu, como sente o outro, como o vê, ouve, fala com ele, como pensa nele e como vai a conhecê-lo? Como ia a conhecer a ele quem permite-lhe conhecer tudo? Como ia conhecer a quem está a conhecer?”⁵ Ele perdeu a sua totalidade, mas, ao mesmo tempo, na dualidade que resultou desta quebra pode começar o diálogo e a reflexão, não somente do outro mas também de si mesmo. Só via a existência do outro podemos descobrir quem somos nós. Por um lado, inicia-se o processo de procura perpétua do sentido deste mundo e da nossa existência. Por outro, inicia-se a busca da companhia que não nos deixa sentir o desconforto da solidão.

O exemplo da solidão que encontramos na *Bíblia*, também, aparece no momento de o mundo ser criado. A explicação da criação do mundo na tradição cristã difere em vários

³ Iagnhavalkia é um dos sábios importantes de *Upanishads*. É considerado ser o autor do livro *Brijad-araniaka-upanishad*.

⁴ „Vůbec mu však nebylo veselo. Proto tomu, kdo je sám, nebývá veselo. Zatoužil po druhém. Nabyl takové velikosti jako muž a žena v těsném objetí. Rozdělil sebe sama vedví: tak vznikl manžel a manželka: «Každý [z nás] jsme jen polovinou celku, » říkával proto Jádžňavalka.“ *Upanišady* (Praha: DharmaGaia, 2014), p. 27.

⁵ „Neboť tam, kde jako by byla dualita, ctí jeden druhého, vidí jeden druhého, slyší jeden druhého, hovoří jeden s druhým, myslí jeden na druhého, poznává jeden druhého. Kde se však stalo vše [jediným] já, čím koho cítí, čím koho vidí, čím koho slyší, čím s kým hovoří, čím na koho myslí, čím koho poznává? Čím by poznával toho, jímž poznává všechno? Vždyť čím by poznával poznavatele?“ Idem, ibidem, p. 45.

aspectos da que podemos ler em *Upanishads*. A força divina que tem o poder de criar o mundo é o único Deus. Ele cria os céus e a terra, as águas, as florestas, os animais e afinal o primeiro homem Adão. Ao acabar a sua obra, Deus decide criar Eva, a mulher e companheira de Adão: “E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma adjutora que esteja como diante dele.”⁶ A intenção de evitar a solidão de Adão foi o motivo que levou Deus a criar Eva. Tal como no exemplo anterior, do sentimento da solidão nasce a dualidade em forma de homem e mulher. Um deveria acompanhar o outro para não se sentirem sozinhos. Em *Upanishads* e também na *Bíblia* a solidão é descrita como um sentimento que incomoda e que é melhor evitar. É a dualidade que resolve este desconforto, ou seja, a companhia. O interessante sobre estes dois exemplos é a solidão ser também o motivo para criar. É um sentimento que o ser humano quer evitar, mas ao mesmo tempo, sem esta solidão o mundo não existiria.

Outras referências ao tema da solidão podemos encontrar na obra de Aristóteles. O seu argumento liga a solidão com o tema da organização da sociedade humana e da ordem política. Desde o seu ponto de vista, a solidão é uma das características principais e essenciais do ser humano e, ao mesmo tempo, uma das condições básicas para a sociedade humana ser criada. Como o exemplo podemos citar o trecho no qual Aristóteles explica a razão da existência das cidades: “[...] nenhum pode bastar-se a si mesmo. Aquele que não precisa dos outros homens, ou não pode resolver-se a ficar com eles, ou é um deus, ou um bruto. Assim, a inclinação natural leva os homens a este gênero de sociedade.”⁷ Tanto como nos casos anteriores, a solidão nos olhos de Aristóteles é um sentimento desagradável que provoca a necessidade de procurar o outro. A solidão, neste contexto, é levada dum nível pessoal e intimista da relação homem-mulher para um nível mais amplo das relações complexas na sociedade. É mais a questão de não ser capaz de viver sozinho por causa de precisar dos outros para sobreviver. E a solidão torna-se um sentimento que aguentam só os com dotes excepcionais, ou os que suprimem a sua naturalidade humana. Destaca-se, por tanto, a importância de juntar-se aos outros.

⁶ *Bíblia*, disponível em <https://www.wordproject.org/bibles/po/01/2.htm#0> (acessado em 29/02/2016).

⁷ “[...] ten pak, kdo společenství není schopen anebo pro svou soběstačnost něčeho nepotřebuje, není částí obce a jest buď zvířetem, nebo bohem.” Aristoteles, *Politika* (Praha: Nakladatelství Petr Rezek, 1998), p. 41. A tradução foi encontrada no texto online Aristóteles, *Politica*, p. 12, disponível em [http://baixar-download.jegueajato.com/Aristoteles/A%20Politica%20\(170\)/A%20Politica%20-%20Aristoteles.pdf](http://baixar-download.jegueajato.com/Aristoteles/A%20Politica%20(170)/A%20Politica%20-%20Aristoteles.pdf) (acessado em 01/03/2016).

Para Bem Lazare Mijuskovic a solidão tornou-se um dos temas principais da sua pesquisa. Neste trabalho mencionamos somente o seu livro *Loneliness in Philosophy, Psychology, and Literature* (2012) e o artigo “Psiquiatria” (1977). Ele procurou o sentido do termo solidão nas obras literárias e filosóficas mas, também, leva-nos ao ambiente que se ocupa com a saúde da alma humana – a psiquiatria e psicologia. A sua solidão é ligada com a importância das relações entre pessoas. Senão, não é somente a existência física do outro. É um sentimento ou uma emoção que se ressalta só ao existir o outro. “[...] todos os conceitos importantes têm o seu opósito significante; o contrário da solidão é intimidade, o sentimento reflexivo e inclusivo da união mútua ou de pertencer ao outro ser humano.”⁸ Volta-nos, por tanto, à ideia de que a solidão se resolve pela existência dum outro ser vivo. Porém, não é a pura existência, nem o apoio que resolveria a solidão. Desde o ponto de vista de Bem Lazare Mijuskovic, é preciso desenvolver uma relação próxima entre os dois, e, além disso, mútua. E como decidir sobre a “proximidade” entre as pessoas que ele acredita ser fundamental? Quais são os fatores que deveríamos considerar? Bem Lazare Mijuskovic ressalta, sobretudo, a importância da comunicação entre as pessoas: “A solidão faz uma parte imprescindível da estrutura de consciência de si mesmo que cria a intenção desesperada de cada um de nós, separadamente, em transformar a nossa prisão mental ao procurar a comunicação com o outro ser humano que também tem a capacidade de refletir a si mesmo.”⁹ Via a comunicação aproximamo-nos aos outros e tentamos fugir da nossa solidão. Vemos que também para este autor a solidão é um termo ligado com as conotações negativas. Ele usa as palavras como “desesperado” e “prisão mental” para explicar a importância e o significado da solidão. E, tanto como nos exemplos anteriores, a solidão provoca uma ação cujo objetivo é acabar com este sentimento. Na sua opinião é a comunicação que nos permite criar uma ponte entre a nossa existência e a existência do outro. Por outro lado, ele chama a atenção para a importância da solidão no processo de o homem refletir sobre si próprio. Só graças a solidão somos conscientes de si mesmos. São as duas tendências que se misturam e colocam o termo da solidão estar nas fronteiras do significado positivo e do negativo. A solidão como “uma prisão mental”, mas, ao

⁸ “As I indicated previously in *Psychiatry* (1977), all meaningful concepts must have a significant opposite; the contrary of loneliness is intimacy, a reflexive, inclusive sense of mutual togetherness or belonging with other distinct being.” Bem Lazare Mijuskovic, *Loneliness in Philosophy, Psychology, and Literature* (Bloomington: iUniverse, 2012).

⁹ “Loneliness thus constitutes the inevitable structure of self-awareness that grounds the desperate attempt of each of us, separately, to transcend our mental prison by seeking refuge through communication with another reflexive being.” Idem, *ibidem*.

mesmo tempo, como uma condição de realizar o potencial do ser humano. Não é uma das características do ser humano a capacidade de ser consciente? Entre tudo isto, Bem Lazare Mijuskovic salienta também o impacto da organização da sociedade que pode provocar o sentimento da solidão. É uma outra face da solidão. Esta solidão é causada pelas condições implementadas de fora. Não é a solidão existencial que faz parte da alma humana: a “Há uma tendência predominante para perceber a solidão como um conceito moderno, as vezes até contemporâneo. Muitas vezes, por exemplo, é descrito como certo tipo do «isolamento» trazido pela organização tecnológica, burocrática, económica ou social.”¹⁰

Outro filósofo e sociólogo que se interessa pelo tema de solidão é Erich Fromm. Neste trabalho mencionamos os exemplos do seu livro *A Arte de amar*. O tema deste livro não é somente o amor entre um homem e uma mulher. O contexto é mais amplo e o autor comenta também, por exemplo, o amor maternal ou o amor ao próximo. Um dos temas que, também, menciona é o amor na sociedade Ocidental contemporânea e dá alguns exemplos das condições que afetam o homem hoje em dia de tal modo que nele podem provocar o sentimento da solidão. Das várias referências que podemos encontrar mencionemos o exemplo seguinte: “As relações humanas são essencialmente as de autômatos alienados, cada qual baseando sua segurança na posição mais próxima do rebanho e em não ser diferente por pensamentos, sentimentos ou ações. Ao mesmo tempo que todos tentam estar tão próximos quanto é possível dos demais, todos se sentem extremamente sós, invadidos pelo profundo sentimento de insegurança, ansiedade e culpa que sempre ocorre quando a separação humana não pode ser superada.”¹¹ Somos os “autômatos alienados” que procuram a proximidade com o outro que não é “diferente por pensamentos, sentimentos ou ações”.¹² Destas palavras de Erich Fromm sentimos a falta de vontade e do poder criativo e a conformidade que acompanham a modernidade e fazem-nos, os homens, a sentirmos a solidão ainda mais. E sentimo-la apesar de estarmos rodeados por outras pessoas. A sua explicação segue

¹⁰ “There is a strong tendency to regard loneliness as a modern, or even merely a contemporary, phenomenon. Often, for example, it is described as some sort of «alienation» brought about by our technological, bureaucratic, economic or societal organization.” B. L. Mijuskovic, *Loneliness in Philosophy, Psychology, and Literature*.

¹¹ Erich Fromm, *Umění milovat* (Praha, Portál, 2015), p. 85. „Lidské vztahy jsou v podstatě vztahy odcizených automatů, z nichž každý zakládá svou bezpečnost na tom, že se co nejtěsněji přimyká k stádu. A tradução foi encontrada no texto online Erich Fromm, *A Arte de amar*, p. 67, disponível em <http://estudioterraforte.com.br/wp-content/uploads/2013/07/arte-de-amar.pdf> (acessado em 04/03/2016).

¹² Idem, *ibidem*.

logo: “Nossa civilização oferece muitos paliativos que ajudam as pessoas a se tornarem conscientemente inconscientes dessa solidão: antes de tudo, a estrita rotina do trabalho mecânico, burocratizado, que as auxilia a permanecerem sem conhecimento de seus desejos humanos mais fundamentais, da aspiração de transcendência e unidade.”¹³ Tal como Bem Lazare Mijuskovic, também Erich Fromm considera a organização da sociedade moderna desempenhar o papel imprescindível na percepção do sentimento da solidão. Ele ainda acrescenta que o homem, por causa desta organização, perde a ligação consigo próprio. A solidão de Erich Fromm é ligada com insegurança, ansiedade e culpa. E, além de tudo isto, nota-se a influência do existencialismo que faz da solidão uma das condições principais de o homem sentir profundamente o peso da sua existência: “Essa consciência de si mesmo como entidade separada, a consciência de seu próprio e curto período de vida, do fato de haver nascido sem ser por vontade própria e de ter de morrer contra sua vontade, de ter de morrer antes daqueles que ama, ou estes antes dele, a consciência de sua solidão e separação, de sua impotência ante as forças da natureza e da sociedade, tudo isso faz de sua existência apartada e desunida uma prisão insuportável. Ele ficaria louco se não pudesse libertar-se de tal prisão e alcançar os homens, unir-se de uma forma ou de outra com eles, com o mundo exterior.”¹⁴

Zygmunt Bauman dedica o seu livro *O amor líquido* a uma análise das relações contemporâneas produzidas pela sociedade moderna. A solidão, desde o seu ponto de vista, é apresentada no contexto das relações amorosas. No trecho seguinte Zygmunt Bauman fala sobre o caráter das relações hoje em dia cujo problema consta na sua superficialidade: “Na medida em que os relacionamentos são vistos como investimentos, como garantias de segurança e solução de seus problemas, eles parecem um jogo de cara-ou-coroa. A solidão produz insegurança – mas o relacionamento não parece fazer outra coisa. Numa relação, você pode sentir-se tão inseguro quanto sem ela, ou até pior. Só mudam os nomes que você dá à ansiedade.”¹⁵ A solidão, por tanto, não

¹³ „Naše civilizace poskytuje mnoho utišujících prostředků, které lidem pomáhají, aby si uvědomovali svou osamělost; předně je to přísná rutina zbyrokratizované, zmechanizované práce, umožňující lidem, aby si neuvědomovali svá nejzákladnější lidská přání, svou touhu po transcendenci a jednotě.“ Idem, ibidem.

¹⁴ Idem, ibidem, p. 21.

¹⁵ Zygmunt Bauman, *O amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004), p. 15-16. Disponível em www.institutoveritas.net/livros-digitalizados.php?baixar=115 (acessado em 18/02/2016).

desaparece necessariamente com a companhia. Viver numa relação só por ter medo de estar sozinho não resolve a situação. Mais importante é a qualidade ou o tipo de relação. No argumento seguinte, o autor acrescenta à superficialidade o aspeto da virtualidade das relações produzidas pela modernidade: “A realização mais importante da proximidade virtual parece ser a separação entre comunicação e relacionamento. Diferentemente da antiquada proximidade topográfica, ela não exige laços estabelecidos de antemão nem resulta necessariamente em seu estabelecimento. "Estar conectado" é menos custoso do que "estar engajado" – mas também consideravelmente menos produtivo em termos da construção e manutenção de vínculos.”¹⁶ A solidão de Zygmunt Bauman é ligada com o sentimento de insegurança e falta de comunicação.

Paul Tillich, o teólogo alemão, introduz a sua obra *O Eterno Agora (The Eternal now)* com um trecho sobre a criação do mundo. É o mesmo trecho que nós mencionámos no princípio deste capítulo. Ele, porém, acrescenta um comentário importante quanto à percepção da solidão: “A criação da mulher não resolveu a situação que Deus descreve como a situação não boa para o homem. O homem fica sozinho. E a criação da mulher, mesmo que seja uma ajuda para Adão, somente apresentou um homem que fica sozinho ao outro homem que está igualmente sozinho. E da sua carne todos os outros homens dos quais todos vão ficar também sozinhos.”¹⁷ Ou seja, a solidão faz parte do ser humano. É uma das suas características inerentes e é independente de outros seres vivos que rodeiam o ser humano. Além disto, este autor, em comparação com os antecedentes, não menciona somente os aspetos negativos da solidão. Ele fala sobre duas faces da solidão e descreve-as via duas palavras que a língua inglesa criou e que podemos encontrar também na língua portuguesa: “A nossa língua foi sensível às duas faces de o homem estar sozinho. Criou a palavra ‘solidão’ (loneliness) para expressar a dor de estar sozinho. E criou a palavra ‘solitude’ (solitude) para expressar a glória de estar sozinho.”¹⁸

¹⁶ Idem, ibidem, p. 69.

¹⁷ “The creation of the woman has not overcome the situation which God describes as not good for man. He remains alone. And the creation of the woman, although it provides a helper for Adam, has only presented to the one human being who is alone another human being who is equally alone, and from their flesh all other men, each of whom will also stand alone.” Paul Tillich, *The Eternal Now* (New York: Charles Scribner's Sons, 1963), p. 5, disponível em <http://www.mercaba.org/SANLUIS/Filosofia/autores/Contempor%C3%A1nea/Tillich/The%20eternal%20now.pdf> (acessado em 16/03/2016).

¹⁸ Our language has wisely sensed these two sides of man's being alone. It has created the word "loneliness" to express the pain of being alone. And it has created the word "solitude" to express the glory of being alone.” Idem, ibidem.

Iryna Mukhanova no seu artigo “Positive experiencing of loneliness as a factor of personality socialization in the society” dedicou-se à face positiva da solidão dizendo: “[...] na perspectiva de algumas abordagens teóricas, sobretudo, na existencial ou humanística, a solidão é vista como um fenómeno que permite o mergulho na reflexão pessoal, na contemplação sobre as questões básicas do sentido; a solidão abrange a possibilidade de profunda evolução espiritual da pessoa.”¹⁹ Ou seja, a solidão podemos perceber também como um sentimento positivo. Não é somente uma prisão mental de Bem Lazare Mijuskovic e Erich Fromm.

As razões de o homem sentir-se sozinho resultam ser várias mas, na maioria dos casos que apresentamos neste capítulo, o termo solidão é ligado com as sensações negativas ou desagradáveis – a falta da companhia, insegurança, ansiedade ou culpa, incerteza. É um sentimento que é inerente ao ser humano. Ou seja, o ambiente no qual a pessoa vive, a organização da sociedade ou a política desempenham o papel importante. Contudo, o sentimento da solidão segue sendo presente também nos momentos quando estamos rodeados por outras pessoas e quando as nossas relações com os próximos assim como as com o mundo fora estão ótimas. Por tanto, é um sentimento do qual não é possível privar-se. Por outro lado, nem sempre tem de ser um sentimento puramente negativo. A solidão pode ser percebida também como uma maneira de refletir sobre si próprio e cria espaço para o processo criativo e para a contemplação.

¹⁹ [...] in the perspective of some theoretical approaches, particularly, the existential and humanistic ones, loneliness is perceived as a phenomenon allowing plunging into personal reflection, into contemplation about key issue of sense; loneliness embraces an opportunity of personality’s deep spiritual development. Iryna Mukhanova; Romanova, Vira, *Positive experiencing of loneliness as a factor of personality socialization in the society*, p. 1, disponível em http://www.su.lt/bylos/mokslo_leidiniai/Social_Welfare/3013_3_1/mukhanova_romanova.pdf (acessado em 06/03/2016).

2. Lygia Fagundes Telles: a solidão dos que ficaram

Lygia Fagundes Telles nasceu em 1923 em São Paulo. Estudou direito e educação física. É uma das escritoras brasileiras contemporâneas mais importantes e destacáveis. Escreve os romances e contos, publicou também cónicas. Também escreveu quatro romances: *Ciranda de Pedra* (1954), *Verão no Aquário* (1964), *As Meninas* (1973) e *As Horas Nuas* (1989). Existem várias coletâneas dos seus contos entre as quais podemos nomear as mais conhecidas como *O Cacto Vermelho* (1949), *Histórias do Desencontro* (1958), *O Jardim Selvagem* (1965), *Antes do Baile Verde* (1970), *Seminário dos Ratos* (1977), *A Estrutura da Bolha de Sabão* (1991), *A Noite Escura e mais Eu* (1995) ou *Invenção e Memória* (2000). A sua obra foi traduzida para várias línguas, também para o checo. Até agora foram traduzidos para o checo dois livros de contos: *Antes do Baile Verde* (traduzido por Pavla Lidmilová, Odeon, 1984) e *A Noite Escura e mais Eu* (traduzido por Pavla Lidmilová, Mladá fronta, 2003). Algumas histórias foram levadas ao cinema, teatro ou televisão, como por exemplo o romance *As Meninas*. Desde 1982 Lygia Fagundes Telles é membro da Academia Paulista de Letras, desde ano de 1985 da Academia Brasileira de Letras, e no ano de 1987 tornou-se também membro da Academia de Ciências de Lisboa. O seu livro *Memória e Invenção* foi galardoado com o Prémio Jabuti em 2000 e no ano de 2005 ela ganhou o Prémio Camões. Para a análise apresentada neste trabalho usamos as coletâneas dos contos *Antes do Baile verde*, *A Estrutura da Bola de Sabão*, *Histórias do Desencontro* e o livro *Pomba Enamorada ou Uma História do Amor*.

O século XX no Brasil, tanto como em Portugal, é marcado pelas mudanças socioeconómicas significativas. O Brasil ficou longe do centro dos combates da Primeira e Segunda Guerra Mundial. Contudo, as suas tropas participaram em ambas as Guerras. Entre os anos trinta e quarenta e novamente na primeira metade dos anos cinquenta são os anos de governo de Getúlio Vargas. Nas relações internacionais do Brasil aumenta a importância dos Estados Unidos e enfraquece a ligação ao continente europeu. E estas mudanças ressoam também nas artes. Lygia Fagundes Telles publica o seu primeiro livro no ano de 1954. Há quase dez anos atrás, no ano de 1945, surge a Geração de 45 cujos representantes mais importantes são Guimarães Rosa e Clarice Lispector. Com a aparência desta geração o Modernismo entra na sua última fase. As obras literárias que vão ser publicadas depois desta geração podemos já inserir na pós-

modernidade. A fragmentação da estrutura e a linguagem experimental que são típicas para a obra de Guimarães Rosa vão ser uma das características importantes das obras de segunda metade de século XX. A contemplação e predominância do monólogo interior das obras de Clarice Lispector, tanto como o existencialismo, vão ser uns dos recursos literários de como desenvolver os temas como a solidão, a morte ou o sentido da vida humana. O crescimento das cidades com todas as consequências como a criminalidade, a convivência de várias e diferentes comunidades num espaço determinado, as diferenças sociais são somente alguns dos temas que vão chamar a atenção dos escritores pós-modernistas. Tal como no caso de importantes escritores brasileiros da segunda metade do século XX como são, por exemplo Dalton Trevisan, Rubém Fonseca, Hilda Hilst ou Autran Dourado, também a obra de Lygia Fagundes Telles partilha várias das características do pós-modernismo. Junto com as escritoras Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, e Cecília Meireles, Lygia Fagundes Telles representa uma das vozes femininas mais importantes da literatura brasileira do século XX.

Os contos de Lygia Fagundes Telles que analisamos neste trabalho são pequenos relatos da vida da sociedade brasileira contemporânea. Ela interessa-se pelos temas como o amor, a morte, as relações dentro das famílias ou entre os casais ou, por exemplo, a homossexualidade. É uma ampla variedade dos temas e o enfoque da autora é o ser humano e vários aspetos da sua vida. Suênio Campos de Lucena caracteriza a obra de Lygia Fagundes Telles da maneira seguinte: “Chega a ser arriscado restringir sua literatura em uma linha temática, isso porque são muitas vertentes, ambientadas no microcosmo urbano, onde temas como solidão, loucura, morte, sonho, choque de gerações e mudança de costumes são algumas de suas marcas. Lygia expõe nossos medos, desejos e dualidades, evidenciando que somos capazes dos atos mais cruéis e grandiosos.”²⁰ Via a sua escrita entramos no mundo das emoções e das paixões. O seu olhar capta o mais profundo e escondido da alma humana.

Os protagonistas são pessoas ordinárias que vivem as suas vidas com todos os problemas e preocupações que a vida normal traz. Não se trata de personagens heroicas nem especiais pelo seu carácter ou pelos seus dotes. Porém, a autora sempre escolhe

²⁰ Suênio Campos de Lucena, “Lygia Fagundes Telles”, *Blecaute: Uma Revista de Literatura e Artes*, n.º 14, Campina Grande, 2013, p. 37, disponível em <http://revistablecaute.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2012/12/Ensaio-Lygia-Fagundes-Telles-Por-Su%C3%A2nio-Campos-de-Lucena-BA-PB-p30.pdf> (acessado em 08/08/2015).

alguma situação complicada ou difícil na qual o protagonista se encontra. Assim, o leitor entra na história cujo protagonista faz a confissão de ter provocado suicídio duma pessoa amada ou conhecida (“Apenas um Saxofone” ou “Os Mortos”), assiste uma ceia cheia de ciúmes de um casal recém-separado (“A Ceia”), ou olha junto com o protagonista a uma tapeçaria que representa uma caçada e vê-o morrer no final do conto em circunstâncias confusas e misteriosas (“A Caçada”). Alguns destes contos até poderiam ser classificados como fantásticos (“As Formigas”, “Natal na barca”) porque contêm os elementos extraordinários e sobrenaturais.

A solidão é um dos temas principais dos contos de Lygia Fagundes Telles. Frequentemente podemos ligar a solidão dos seus protagonistas com o abandono. Ou eles ficam sozinhos, ou não têm a possibilidade de comunicar com os outros. Podemos vê-lo no conto “Antes do Baile Verde” em que o velho pai fica abandonado pela sua filha. O enredo desenvolve-se numa atmosfera carnavalesca. Uma menina com a sua empregada preparam-se para o carnaval. Ambas fazem o mais possível para poderem participar ou apenas ver o desfile. É um acontecimento importante para elas. Porém, o que começa como uma história simples que vai descrever os momentos da preparação das duas meninas para o carnaval – um acontecimento importante dentro da realidade brasileira que se tornou um símbolo de alegria – muda para uma história com traços trágicos. Em outro quarto da casa está o velho pai duma delas que não se sente bem, pode ser que esteja morrendo. As duas estão conscientes de que ele pode estar a morrer mas, para não perderem o carnaval, afinal decidem não perder mais o tempo ao pensar sobre esta possibilidade. Fingem que ele está só a dormir: “Você já se enganou uma vez – atalhou a jovem. – Ele não pode estar morrendo, não pode. Também estive lá antes de você, ele estava dormindo tão sossegado. E hoje cedo até me reconheceu, ficou me olhando, me olhando e depois, sorriu. Você está bem, papai?, perguntei e ele não respondeu mas vi que entendeu perfeitamente o que eu disse. – Ele se fez de forte, coitado. – De forte, como? – Sabe que você tem o seu baile, não quer atrapalhar.”²¹ As duas meninas reagem diferentemente nesta situação. A filha rejeita fortemente a morte do pai. A sua amiga acha a morte dele uma coisa óbvia. E o pai cujo estado deveria ser o mais importante nesse momento fica sozinho e é incapaz de mudar a situação. Afinal não se sabe se o pai morreu ou não. Nem se ele não respondeu porque não podia ou

²¹ Lygia Fagundes Telles, *Pomba enamorada ou uma história do amor* (Porto Alegre: L&PM Editores S/A, 2002), pp. 69-70.

porque não queria estragar o dia da sua filha. O leitor fica com dúvidas. É umas das técnicas narrativas típicas para o estilo de Lygia Fagundes Telles. Ela não dá respostas definitivas. Ela gradualmente desenvolve a história, inserindo nela o elemento da incerteza e tornando a trama cada vez mais complexa e simbólica. Malcolm Silverman diz sobre o estilo da autora o seguinte: “O emprego de simbolismo em toda a sua ficção é particularmente claro e definido como instrumento indispensável para o desenvolvimento do tema, tanto quanto das personagens.”²² Ao lermos os contos de Lygia, encontramos vários que deixam em nós várias dúvidas, às vezes, até nos perdemos nestas histórias de sugestões. A solidão apresentada no conto “Antes do Baile Verde” quase assusta – é uma solidão do velho pai que morre abandonado enquanto a sua filha, junto com a sua amiga, prepara-se para o desfile. Os dois mundos – o mundo dinâmico e sem preocupação da filha contra o mundo da solidão do velho pai – entram em conflito.

Também nos contos “A Medalha” e “A Confissão de Leontina” encontramos-nos frente as situações quando as protagonistas ficam sozinhas porque os outros as abandonaram. Mencionemos os momentos quando as protagonistas falam desta solidão. Em ambos os casos trata-se duma solidão que as incomoda – uma solidão num sentido negativo. Adriana, a protagonista do conto “A Medalha”, confessa que a sua solidão é para ela insuportável: “Ficou olhando a lâmpada através das lágrimas. Você fugiu. Por que você fugiu de mim na escada? Eu precisava tanto de você, precisava tanto. Está me escutando? Você não devia me largar sozinha naquela escada, foi horrível, amor, eu precisava tanto de você...”²³ Nos dois exemplos do conto “A Confissão de Leontina” que se seguem a protagonista confessa uma solidão que a surpreende e confunde. Como se fosse um sentimento demasiado forte para ela que ela não é capaz de perceber: “Fiquei sozinha no palco com um sentimento muito grande no coração.”²⁴ E o outro trecho: “Fiquei então num estado que nem sei explicar. É que me vi completamente sozinha no mundo e isso foi muito duro para mim.”²⁵ Os três exemplos mostram as protagonistas como pessoas que foram conduzidas à solidão por alguém outro. Porém, nos contos de Lygia Fagundes Telles há também os protagonistas que desejam ficar

²² Malcolm Silverman. “O Mundo Ficcional de Lygia Fagundes Telles”. In *Moderna Ficção Brasileira 2*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981, p. 181.

²³ Lygia Fagundes Telles, *A estrutura da bola de sabão* (Lisboa: Livros do Brasil, 2001), p. 16.

²⁴ Idem, *ibidem*, p. 77.

²⁵ Idem, *ibidem*, p. 78.

sozinhos por causa de não aguentarem a presença dos outros. Ou seja, a solidão é um alívio para eles. Como exemplo podemos dar o conto “Verde Lagarto Amarelo”. A presença do irmão do protagonista, e as lembranças que este traz consigo, provocam nele um sentimento de querer ficar sozinho: “Respirei de boca aberta agora que ele não me via, agora que eu podia amarfanhar a cara como ele amarfanhara o papel. Esfreguei nele o lenço, até quando, até quando?!... E me trazia a infância, será que ele não vê que para mim foi só sofrimento? Por quê não me deixa em paz, por quê? Por que tem que vir aqui e ficar me espetando, não quero lembrar nada, não quero saber de nada!”²⁶ E também no passado, quando os dois eram crianças, ele fugia do seu irmão: “Se ao menos ele... mas não, claro que não, desde menino eu já estava condenado ao seu fraterno amor. Às vezes me escondia no porão, corria para o quintal, subia na figueira, ficava imóvel, um lagarto no vão do muro, pronto, agora não vai me achar.”²⁷

Em muitos contos da autora, como já vimos em “A Medalha” ou “A Confissão de Leontina, são as mulheres que sofrem da solidão. Como o exemplo podemos mencionar o conto “Apenas um Saxofone”. Este conto relata a história de Luisiana, uma mulher que ficou sozinha, mas como podemos ler já nas primeiras páginas, não é ela que foi abandonada por os outros, senão ela manda-os fora: “Onde agora? Onde? Podia mandar acender a lareira mas despedi o copeiro, a arrumadeira, o cozinheiro – despedi um por um, me deu um desespero e mandei a corja toda embora, rua, rua! Fiquei só.”²⁸ Ao ficar só na sua casa, pouco a pouco e com a garrafa de uísique à sua mão, revela-nos a história do amor da sua vida. Desde o começo nota-se o tom pesado e pessimista na atmosfera. Mesmo que Luisiana se tenha tornado uma mulher rica, a ironia com a qual ela fala sobre a sua vida e que às vezes até adquire o tom de desprezo, ainda mais chama a atenção para a desilusão da protagonista: “É que fomos escurecendo juntas, a sala e eu. Uma sala de uma burrice atroz, afetada, pretensiosa. E sobretudo rica, exorbitando de riqueza, abri um saco de ouro para o decorador se esbaldar nele. E se esbaldou mesmo, o veado.”²⁹ A ironia aparece frequentemente nos contos de Lygia Fagundes Telles. Urbano Tavares Rodrigues explica: “A ironia de Lygia Fagundes Telles, que tem quase sempre matizes afetivos, busca o consenso entre o narrador e o leitor, e mais do que uma verdade, procura a verdade de cada um. Dá-nos sem dúvida uma perspectiva

²⁶ Lygia Fagundes Telles, *Antes do baile verde* (Círculo de Leitores, 1974), p. 23.

²⁷ Idem, *ibidem*, p. 27-28.

²⁸ L. F. Telles, *Antes do baile verde*, p. 33.

²⁹ Idem, *ibidem*, p. 34.

crítica da realidade, mas como uma espectadora, às vezes condoída, às vezes condescendente e sempre com um errático sabor a ternura mesmo na apresentação da vida em chaga, ou melhor, nas chagas que se dissimulam.”³⁰ Ao seguir com a leitura confirma-se a presença da angústia que acompanha Luisiana, a angústia que tem a sua fonte no sentimento de que já perdeu o sentido da vida: “Queria dizer com isso que estava pintando minha alma. Concordei na hora, fiquei até comovida quando me vi de cabeleira elétrica e olhos vidrados. ‘Meu nome é Luisiana, me diz agora o ectoplasma. Há muitos anos mandei embora o meu amado e desde então morri.’”³¹ E o que significa o resto da vida de Luisiana para ela mesma se ela morreu já há tantos anos? É só um sofrimento: “Quero deixar bem claro que a única coisa que existe para mim é a juventude, tudo mais é besteira, lantejoulas, vidrilho.”³² É quase no final do conto quando sabemos que essa angústia que a ata é ligada com a perda do seu primeiro amor – um menino com o saxofone. Tanto como este conto, também o amor entre Luisiana e o menino acabou-se com a última frase: “Se você me ama mesmo, eu disse, se você me ama mesmo então saia e se mate imediatamente.”³³ Ela morreu junto com o menino. A solidão de Luisiana começou assim já na sua juventude sem ela encontrar o consolo nem na riqueza, nem no fundo do copo de uísque. E não encontra a paz nem ao lado dos outros homens. Ao contrário. A solidão que ela sente ainda se aprofunda.

No que se refere à problemática feminina nos contos de Lygia, mencionemos também o conto “O Espartilho”. É um dos contos mais longos da autora e aborda vários temas. Das coletâneas dos contos da autora, que tivemos à disposição ao fazer esta análise, é, por exemplo, o único que relata a problemática dos judeus durante a Segunda Guerra Mundial. A avó da protagonista defende a Segunda Guerra mundial e não concorda com o fato de a mãe da protagonista Ana Luísa era judia. O nome deste conto, “o espartilho”, caracteriza o tema principal: é um conto sobre as mulheres e também sobre o preconceito que, tanto como o espartilho, pode tornar-se numa prisão. O espartilho é uma peça de roupa que vestem só as mulheres. E neste conto o papel da mulher é o principal. As mulheres da família são as que sempre sofrem. Ana Luísa, vive com a sua avó. Esta mulher é uma personagem dominante no seu meio que transmite a sua percepção do mundo a outros. Assim a avó cria um mundo perfeito e harmonioso para

³⁰ Urbano Tavares Rodrigue, “Ambiguidade e ironia em Lygia Fagundes Telles”, *Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, nº 2 (Julho-Setembro 1988), p. 28.

³¹ L. F. Telles, *Antes do baile verde*, p. 36.

³² Idem, *ibidem*, p. 37.

³³ Idem, *ibidem*, p. 41.

ela – até ao momento quando a Margarida quebra essa ilusão. De repente Ana Luísa confronta-se com duas verdades sobre a sua família. Uma não tem nada a ver com a outra, sendo ambas completamente diferentes. E Ana, pouco a pouco, começa a refletir essa diferença entre o mundo dos retratos idealizados da avó e o mundo da gente real da Margarida: “...mas que família era essa que ela me apresentava? Gente insegura. Sofrida. Que eu teria amado muito mais do que as belas imagens descritas pela minha avó. Mas tive medo ao descobrir o medo alheio.”³⁴ É um conflito entre o mundo velho e o novo que ao mesmo tempo têm de existir um ao lado do outro. Este conflito é uma das características do estilo de Lygia Fagundes Telles. Já foi aparente no caso do conto “Antes de baile verde” que mencionámos antes, quando uma das meninas recusou a morte do pai, a outra opôs-se.

Acabamos de falar sobre o papel das mulheres nos contos de Lygia que muitas vezes sentem-se abandonadas. Há vários momentos quando esta solidão é o resultado dos problemas entre elas e os homens. Malcolm Silverman diz sobre os contos de Lygia: “Nas coleções de contos, as personagens femininas ocupam com frequência posições inferiores, seja contracenando com homens, seja como figuras coadjuvantes ou mesmo secundárias.”³⁵ A importância da relação homem-mulher ressalta-se, por exemplo, no conto “Os Mortos”. Luís Filipe, o marido da protagonista, abandona-a por causa duma outra mulher e logo, depois de a sua amante se suicidar, desaparece por completo. Ela perde não apenas alguém que tinha ao seu lado, mas também a única pessoa que a compreendia. Temos aqui duas personagens femininas – a mulher de Luís Felipe e a sua amante Elisa. A sua mulher fica sozinha não somente por causa d ele a ter abandonado. Os dois, ainda nos momentos quando não havia outra mulher entre eles, tiveram uma relação difícil. Não havia muita compreensão entre eles. A sua amante Elisa suicidou-se depois de a sua relação com Luís Felipe ser revelada. “Lembro-me de que uma gota de água resvalou de uma das corolas e caiu na face morta. Ali ficou parada, vacilando, depois escorreu. A fisionomia assumiu um ar doloroso mas distante. Só Luís Filipe penetrara no seu mistério. E fora banido também. Agora ela estava só, inofensiva e só.”³⁶

³⁴ L. F. Telles, *A estrutura da bola de sabão*, p. 32.

³⁵ M. Silverman, “O mundo ficcional de Lygia Fagundes Telles”, p. 170.

³⁶ L. F. Telles, *Antes do Baile Verde*, p. 209.

Katia Oliveira falou no seu livro *A técnica narrativa em Lygia Fagundes Telles* sobre a característica das personagens da autora e destacou a falta da comunicação entre elas: “O drama particular de cada personagem é a sua solidão, daí elas se encontrarem no desenrolar do romance sem que jamais comuniquem verdadeiramente, ficando sua visão completa como privilégio apenas da autora e do leitor.”³⁷ O mesmo podemos dizer sobre os seus contos de uma das coletâneas que usamos neste trabalho. Chama-se *Histórias do Desencontro* e a maneira como podemos explicar estes “desencontros” é via a falta da comunicação – há momentos quando as personagens falam uma com outra mas é como se os dois mantivessem dois monólogos paralelos. Ou seja, não existe um momento quando as duas cheguem ao entendimento. Como exemplo podemos dar o conto “A Ceia”. É uma história dum casal recém-separado, Alice e Eduardo. Eles encontram-se numa ceia para falarem da sua situação presente. E, como podemos ver no exemplo seguinte, cada um fala dalguma coisa diferente, insistindo no seu tema. Eles afastam-se um do outro via um diálogo sem sentido. Alice começa com uma pergunta mas, em vez de obter a resposta, Eduardo começa a falar dalguma outra coisa: “ – Eu precisava te ver, Eduardo. Ele ofereceu-lhe cigarro. Apalpou os bolsos. – Acho que esqueci o fósforo... Trouxe também o isqueiro, mas sumiu tudo... – Revistou a capa em cima da cadeira. – Ah, está aqui! – exclamou, subitamente animado, como se o encontro do isqueiro fosse uma solução não só para o cigarro, mas também para a mulher na expectativa. – Imagine que ganhei este isqueiro numa aposta, foi de um marinheiro.”³⁸ Depois destas primeiras frases Alice volta ao seu tema tentando novamente saber o que lhe interessa mais, e Eduardo volta ao seu tema do isqueiro: “Eduardo, você vai me ver de vez em quando, não vai? Responda, Eduardo, ao menos de vez em quando! Hein, Eduardo? – Estávamos num bar, eu e o Frederico – recomeçou ele brandamente.”³⁹ A conversa deles dá voltas sempre aos mesmos temas. Nem sequer no momento quando não lhes restam as palavras e ficam cansados desta conversação, conseguem sair do circo vicioso: “Havia agora no fundo do silêncio um ruído frio de talheres sendo lavados. Ambos conservavam-se imóveis; ele, de cotovelos fincados na mesa e cabeça baixa. Ela, encolhida na sombra que o muro projetava, a cabeça afundada na gola do casaco. – Mas eu dizia que o desconhecido sentou-se na nossa mesa- começou ele num

³⁷ Katia Oliveira, *A Técnica Narrativa em Lygia Fagundes Telles* (Rio Grande do Sul: URGS, 1972), p. 18.

³⁸ Lygia Fagundes Telles, *Histórias do Desencontro* (Lisboa: L&PM Editores S/A, 2002), pp. 139-140.

³⁹ L. F. Telles, *Histórias do Desencontro*, p. 140.

tom neutro.”⁴⁰ Afinal o encontro deles acaba na partida dos dois, mas cada um segue o seu caminho. Eles não conseguem manter uma conversa real e com sentido e Alice no final prefere a solidão antes da companhia de Eduardo: “ - Vou te levar, Alice. Vamos sair juntos, estou só esperando aquele alegre aparecer... - Você não entendeu, eu queria ficar só, vou indo daqui ao pouco, mas queria que você saísse na frente, queria que você saísse já...”⁴¹ Os protagonistas existem um ao lado do outro. E a comunicação, que deveria criar uma ponte entre estas duas existências separadas, falha. Vimos que Alice e Eduardo pelo menos tentaram de alguma maneira estabelecer a conversação, porém, às vezes, como por exemplo no conto “Natal na Barca” nem há vontade de falar: “Pensei em falar-lhe assim que entrei na barca. Mas já devíamos estar quase no fim da viagem e até aquele instante não me ocorrera dizer-lhe qualquer palavra. Nem combinava mesmo com uma barca tão despojada, tão sem artifícios, a ociosidade de um diálogo. Estávamos sós. E o melhor ainda era não fazer nada, não dizer nada, apenas olhar o sulco negro que a embarcação ia fazendo no rio.”⁴² A solidão prefere-se aqui antes do que comunicar com o outro.

Na maioria dos casos a solidão nos contes de Lygia Fagundes Telles é ligada com os sentimentos e estados que provocam emoções negativas. São, por exemplo, o abandono, o sofrimento ou o medo das personagens. Frequentemente a solidão é ligada também com a morte. A solidão da morte é pesada. Vejamos como Urbano Tavares Rodrigues menciona o motivo da morte na obra da autora: “Aí está já em germe o seu universo: mais interior do que exterior, de vida em que se tocam, se repelem, se frustram, dita com a contenção dos maiores escritores, mormente dos contistas, a escolha do essencial e do lacunar a importância do subtexto, as grandes obsessões da autora – a morte a outra possível dimensão dos seres, o amor em fuga ou as tentações e traições e euforias envinagradas.”⁴³ Quando Suênio Campos de Lucena, no seu livro *21 Escritores Brasileiros*, perguntou à autora qual era a sua opinião sobre a solidão, ele obteve a resposta seguinte: “Mas se preciso da solidão enquanto escrevo, preciso também do meu círculo de amigos. Alimento-me desses amigos. Não quero ficar só. Acho a solidão

⁴⁰ Idem, *ibidem*, p. 152.

⁴¹ Idem, *ibidem*.

⁴² Idem, *ibidem*.

⁴³ Urbano Tavares Rodrigues, “Ambiguidade e ironia em Lygia Fagundes Telles”, *Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, n.º 2 (Julho-Setembro 1988), p. 26.

horrenda.”⁴⁴ Talvez por isso a solidão que Lygia nos apresenta nos seus contos às vezes até assusta. No conto “A Testemunha” a solidão, desde o ponto de vista do amigo da protagonista, torna-se num sentimento insuportável que faz mal: “Vamos, rapaz, tudo bobagem, chega de se atormentar. Não pensa mais nisso, não aconteceu nada. Acho que você está precisando é de mulher, essa nossa vida, uma solidão miserável.”⁴⁵

Lygia Fagundes Telles, porém, apresenta-nos também outra solidão. Há momentos quando as personagens percebem a solidão como um estado que é a salvação ou a fuga dos outros. Já mencionámos o exemplo de conto “Verde Lagarto Amarelo” cujo protagonista prefere a solidão antes à presença do seu irmão. A solidão seria neste caso o alívio. E há mais exemplos que mostram a solidão como a maneira de como se privar da existência dos outros. Por exemplo no conto “Natal na Barca” encontramos a frase seguinte: “Levantei-me. Eu queria ficar só naquela noite, sem lembranças, sem piedade. Mas os laços (os tais laços humanos) já ameaçavam me envolver. Conseguira evitá-los até aquele instante. Mas agora não tinha forças para rompê-los.”⁴⁶ E o exemplo ainda mais forte do cansaço do protagonista causado pela existência dos outros e, ao mesmo tempo, do gosto pela solidão, encontramos-lo no conto “Gaby”: “Duas horas livres pela frente, uma paz. Sozinho no apartamento. Sozinho no mundo. Não tinha a velha nem Mariana nem o pai. E os tais escritórios de imóveis. Etcetera. Não existia nada. Ninguém esperava por ele. O vento o abandonara ali, simples grão de pó sem perguntas a fazer. O chato era querer alguma coisa e ninguém. Suspirou. Um barulho...Franziu a testa: e se ela desistisse do cinema e voltasse. Não, não, a tempestade.”⁴⁷ A solidão é nestes exemplos percebida como um auxílio.

Outra solidão, que encontramos nos contos de Lygia Fagundes Telles, é a solidão ligada com os conceitos do abandono ou a morte, mas num sentido positivo. Quebra-se aqui a lógica de ligar a solidão, o abandono ou a morte com o sofrimento ou alguma emoção negativa. Ricardo, um dos protagonistas do conto “Venha ver o Pôr-do-sol”, diz: “Mas já disse o que mais amo neste cemitério é precisamente este abandono, esta solidão. As pontes com o outro mundo foram cortadas e aqui a morte se isolou total. Absoluta.”⁴⁸ Neste caso não temos a certeza se Ricardo fala a sério ou se é uma ironia. A sua

⁴⁴ Suênio Campos de Lucena, *21 escritores brasileiros*, p. 199.

⁴⁵ L. F. Telles, *A estrutura da bola de sabão*, p. 23.

⁴⁶ Idem, *ibidem*, p. 44.

⁴⁷ L. F. Telles, *A estrutura da bola de sabão*, p. 139.

⁴⁸ L. F. Telles, *Pomba enamorada ou uma história do amor*, p. 74.

enamorada que o acompanha ao cemitério abandonou-o. E ele, para vingar-se dela, a trouxe a um cemitério. Está a brincar com ela e afinal fecha-a numa das tombas. Também no conto “Natal na Barca” encontramos um exemplo semelhante: “Não quero nem devo lembrar aqui por que me encontrava naquela barca. Só sei que em redor tudo era silêncio e treva. E que me sentia bem naquela solidão.”⁴⁹ Sobretudo a palavra treva evoca os sentimentos como por exemplo o medo.

A solidão do conto “Eu era Mudo e Só” cria uma ponte imaginária entre a solidão negativa e a positiva. É o conto sobre um homem que tem a vida ordinária mas boa. Ele casou e tem uma família ótima senão, ele não se sente bem. Vive ao lado da sua mulher e sua filha mas o que realmente gostaria é sair para viver outra vida. Por isso ele, enquanto possa, procura cada possibilidade de ficar sozinho. Quando fala com o seu amigo, antes de se casar, mencionam também o tema da solidão. É uma solidão que é difícil mas melhor do que a companhia: “Solidão era solidão de estrela. ‘Sei que a solidão é dura às vezes de aguentar’ – disse Jacó no dia que soube do meu casamento. – ‘Mas, se é difícil de carregar a solidão, mais difícil é carregar uma companhia. A companhia resiste, a companhia tem uma saúde de ferro!’”⁵⁰ E em alguns contos de Lygia Fagundes Telles encontramos, também, uma solidão que é ligada com as imagens e sentimentos positivos. Ou seja, os que a desejam ficariam felizes se a tivessem, é uma solidão pura e simplesmente feliz. Leontina, a protagonista do conto “A confissão de Leontina” gostaria de estar sozinha: “Mesmo que a cidade estivesse longe ia ser uma maravilha andar sozinha por aquelas bandas e ainda por cima respirando o cheirinho do mato que fazia tempo que eu não respirava.”⁵¹ Infelizmente, trata-se só dum desejo dela.

A solidão apresentada em contos de Lygia Fagundes Telles é frequentemente ligada com o abandono, o sofrimento, o desencontro ou com a morte. Encontramos também os exemplos quando as personagens procuram-na porque é solução ou saída duma situação desagradável. Há poucos momentos quando a solidão é privada das conotações negativas. Foi Urbano Tavares Rodrigues, cujo comentário mencionámos neste trabalho, que recorda os rasgos de tragicomédia que a obra de Lygia Fagundes Telles tem. E a sua solidão é do mesmo carácter. É uma solidão que balança entre o positivo e o negativo de tal maneira que os protagonistas ou sofrem dela ou a preferem à presença

⁴⁹ Idem, *ibidem*, p. 41.

⁵⁰ L. F. Telles, *Antes do baile verde*, p. 159.

⁵¹ L. F. Telles, *A estrutura da bola de sabão*, p. 101.

dos outros. Porém, mesmo se eles quisessem ficar sozinhos, não é porque eles gostassem de ficar sozinhos, senão porque não gostam de companhia. A solidão de Lygia Fagundes Telles é ou sofrimento ou a fuga.

3. Maria Judite de Carvalho: condenados a ficar sós

Maria Judite de Carvalho nasceu no ano de 1921 em Lisboa e morreu no ano de 1998. Estudou a Filologia Germânica. No ano de 1949 casou com o escritor e professor universitário Urbano Tavares Rodrigues e mudou para França. Ao longo da sua vida escreveu sobretudo contos. Escreveu, porém, também um romance (*Os Armários Vazios* – 1966), uma novela (*O Seu Amor por Etel* – 1967), poemas (*A Flor Que Havia na Água Parada* – 1998), teatro (*Havemos de Rir!* – 1988) e várias crónicas. Foi redatora de vários jornais como, por exemplo, *Diário de Lisboa*, *Eva* ou *O Jornal*. O primeiro conto de Maria Judite de Carvalho foi publicado já no ano de 1949 na revista *Eva* e a sua primeira coletânea de contos, *Tanta Gente, Mariana*, foi publicada no ano de 1959. Seguiram as coletâneas *As Palavras Pougadas* (1961), *Paisagem sem Barcos* (1963), *Flores ao Telefone* (1968), *Os Idólatras* (1969), *Tempo de Mercês* (1973), *Além do Quadro* (1983) e *Seta Despedida* (1995). A autora foi galardoada com o Prémio Camilo Castelo Branco no ano de 1961. Neste trabalho usamos as quatro coletâneas dos contos: *Tanta Gente, Mariana, As Palavras Pougadas, Paisagem sem Barcos* e *Seta Despedida*.

A situação no século XX em Portugal, tal como no resto da Europa, é marcada por acontecimentos e mudanças grandes – a Primeira e Segunda Guerra Mundial, a Guerra Civil na Espanha, o aprofundamento da secularização, o surgimento das ditaduras e regimes totalitários ou a descolonização são alguns dos exemplos dos acontecimentos importantes que afetaram o ambiente na Europa. Nesse período, a sociedade europeia se esforça por implementar gradualmente o capitalismo e os valores democráticos, resolver as questões ligadas com o estatuto da mulher, é afetada por novas invenções e pela popularização de novas tecnologias. É uma época inquieta e instável, cheia de incertezas e dificuldades e, ao mesmo tempo, uma época de transformação do mundo velho para o mundo novo – o mundo de hoje.

A maioria das obras de Maria Judite de Carvalho são datadas da segunda metade do século XX. A prosa portuguesa desta época é ainda marcada pelo neorrealismo, mas surgem também tendências novas como o surrealismo, o existencialismo ou o pós-modernismo e, também. Porém, nem sempre é possível caracterizar a obra dos autores desta época de acordo com esta classificação. Os escritores em geral inspiram-se em várias correntes literárias e a sua obra apresenta uma mistura delas, como podemos ver, por exemplo, em Jorge de Sena ou Helberto Helder e, também, em Maria Judite de

Carvalho. Ela inspira-se no existencialismo, ao escolher os temas como a solidão ou a procura do sentido de vida e, ao mesmo tempo, interessa-se pela vida do homem ordinário e pelos problemas da sociedade moderna, tal como o fazem os neorealistas. Além disso, com as suas obras, cujo tema central é a mulher, ela representa a voz da mulher na sociedade portuguesa. Junto com as outras escritoras como Irene Lisboa, Agustina Bessa Luís, Sophia de Mello Breyner Andresen, Natália Correia, Fernanda Botelho ou Maria Teresa Horta, é umas das representantes mais destacáveis da literatura feminina portuguesa contemporânea.

Todos contos de Maria Judite de Carvalho que analisamos neste trabalho retratam a vida humana e a sociedade. Ela interessa-se pelo ser humano e, sobretudo, por todos os problemas e complicações que a vida traz. Conta-nos a vida duma mulher de meia-idade que descobriu que está doente e que ia morrer (“Tanta Gente, Mariana!”), ou a vida das pessoas idosas (“Sentido Único”, “O Tesouro”, “Uma Varanda com Flores”). Vários dos seus contos desenvolvem o tema da impossibilidade de se viver uma vida feliz e contente. Captam o fracasso e os sonhos não realizados, quando a vida torna-se só uma existência resignada (“Tudo vai mudar”, “A vida e o sonho”).

Massaud Moisés caracteriza a escrita de Maria Judite de Carvalho da forma seguinte: “A compreensão que se irradia do ponto de vista, ou do enfoque narrativo, é para os problemas da humanidade anónima, das figuras simples do dia-a-dia, perdidas na multidão cuja realidade se busca, desviando de subterfúgios.”⁵² Ao ler os seus contos podemos imaginar que ela nos conta algumas histórias que ouviu na rua ou dos seus amigos. O olhar de Maria Judite de Carvalho é realista, ela apresenta a vida sem idealizá-la. Os seus contos são histórias sobre os conflitos que surgem ou dentro das cabeças das personagens, ou entre elas.

Muitos dos protagonistas dos contos de Maria Judite de Carvalho encontram-se realmente sós. Ou seja, estão sem uma companhia. Trata-se, por exemplo, das pessoas idosas que ficaram sozinhas ou abandonadas, ou das pessoas cuja relação com o mundo fora é por alguma razão problemática, ou das mulheres cujas relações fracassaram. Assim, no conto “O Tesouro” podemos ler: “O último homem da família era um homem só a quem o mundo lá de fora fatigava.”⁵³ Não sabemos muito do protagonista. Ao seguir com a leitura vemos que a solidão torna-se numa das suas características

⁵² Massaud Moisés, *Pequeno dicionário de literatura portuguesa* (São Paulo: Cultrix, 1981), p. 69.

⁵³ Maria Judite de Carvalho, *Seta despedida* (Mem Martins: Publicações Europa-América, 1995), p. 122.

principais: “Era um homem só e também ignorante, por isso nada sabia do pintor que desenhara os anjinhos que diariamente pisava.”⁵⁴ “Por isso, um sábado de grande solidão resolveu remover o empedrado e foi amontoando as pedrinhas junto da árvore.”⁵⁵ E o exemplo semelhante podemos encontrar no conto “Sentido único” que apresenta a história duma mulher idosa: “Uma pobre de Cristo que trabalhava toda a vida para ter o simples direito a viver e a quem um Governo de jovens tecnocratas endinheirados dava agora uma esmoa chamada reforma, uma pobre de Cristo assim, a senhora de sábado a sexta-feira com casas, viagens, quadros de autor. Coisas de morrer a rir. Estava, porém, tão só que não havia ninguém para se rir dela, ninguém.”⁵⁶

Um dos contos mais importantes e conhecidos de Maria Judite de Carvalho é o conto “Tanta Gente, Mariana!” que deu o nome à coletânea inteira. A frase “Tanta gente, Mariana!” é uma das frases do diálogo entre Mariana e o seu pai. Leva-nos aos seus quinze anos quando os dois tiveram uma conversa sobre a solidão que Mariana sentia já desde criança. O seu pai disse-lhe: “Todos estamos sozinhos, Mariana. Sozinhos e muita gente à nossa volta. Tanta gente, Mariana! E ninguém vai fazer nada por nós. Ninguém pode. Ninguém queira, se pudesse. Nem uma esperança.”⁵⁷ Lembramos esta frase porque através dela podemos bem descrever as personagens desta coletânea. Todas, tal como Mariana, passam pela sua solidão. Mariana é uma mulher de meia-idade, que há pouco descobriu que estava doente e ia morrer, e que começa a recordar a sua vida que desde sempre foi acompanhada pelo sentimento da solidão. “Sinto-me só, mais do que nunca, ainda que sempre o tivesse estado. Sempre,”⁵⁸ diz Mariana ao saber a notícia da doença. E ao ler a sua história, logo se descobrem as fontes desta solidão. O pai de Mariana, uma das únicas pessoas na sua vida que a compreendeu, morreu. O seu marido António abandonou-a por uma artista com a qual casou e teve filhos. Além disso, o seu amante Luís Gonzaga optou pela carreira de cura e Mariana abortou o seu filho - uma das únicas esperanças que lhe restavam. Quer acompanhar uma família inglesa para Londres tomando conta das crianças, mas nem isso dá resultado. Como ela mesma diz: “Não partira e eu [a Mariana] tinha ficado amarrada ao velho quarto, para sempre prisioneira das suas paredes.”⁵⁹ Mariana, assim como os protagonistas nos contos

⁵⁴ M. J. de Carvalho, *Seta despedida*, p. 123.

⁵⁵ Idem, *ibidem*.

⁵⁶ Idem, *ibidem*, p. 106.

⁵⁷ Idem, *ibidem*.

⁵⁸ Maria Judite de Carvalho, *Tanta gente, Mariana*, (Alfragide: Leya, 2011), p. 13.

⁵⁹ Idem, *ibidem*, p. 51.

anteriormente mencionados, ficou sem a família e os amigos. A única pessoa que está com ela antes de ela ir ao hospital é a dona da sua casa, D. Glória, mas nem com ela Mariana tem uma relação próxima: “Mudei-me da pensão onde vivia para uma casa particular que me ficava mais em conta, a casa da D. Glória. Ela não sabe nada, nem da minha vida nem da minha morte.”⁶⁰ Afinal, também a D. Glória abandona-a ao leva-a ao hospital: “Estamos ambas à espera do táxi que a Augusta foi buscar. A D. Glória vem também. É como se fôssemos ambas ao meu enterro.”⁶¹ Mariana, além de ter um sentimento da solidão desde criança, é abandonada pelos seus próximos.

Nelly Novaes Coelho diz sobre a obra de Maria Judite de Carvalho: “A problemática central de suas obras se circunscreve à inevitável solidão humana e aos conflitos gerados pelas relações homem-mulher, vistos através de um enfoque ético-psicológico. Daí a ênfase dada nesses romances ao desencontro amoroso, à incomunicabilidade entre os seres e, mais radicalmente, entre homem e mulher.”⁶² No conto “Tanta Gente, Mariana!” nota-se a importância da relação entre homem e mulher e, também, a qualidade das outras relações que as personagens mantêm. A perda do marido, do seu amante e do filho levam a protagonista à solidão. No momento quando ela conta a sua história já está sem a companhia destas pessoas. Só recorda. Porém, no outro conto “Paisagem sem Barcos”, encontramos-nos perante uma situação diferente. A protagonista, Jô, sente-se sozinha mesmo ao ter ao seu lado os amigos e a família. Jô é uma professora de física e química. A sua vida é só ir dar aulas, telefonar com a sua amiga Paula e, às vezes, encontrar-se com o seu amante Artur. Com a sua amiga Paula ela partilha uma parte do seu passado porque ambas frequentavam o mesmo colégio, mas realmente não a considera a sua amiga íntima. A relação com Artur nunca se tornou uma relação séria porque ele preferiu ficar “livre”. Jô gostava de ter um filho com ele, mas ele não queria. Quando Jô lhe visita no trabalho, ele a trata como se fosse só uma pessoa conhecida. As suas relações são vagas e ela sabe disso. Até tenta falar com Artur e mostra a frustração que a relação entre eles provoca nela: “Entre outras coisas que as nossas vidas, a sua e a minha, estão num beco sem saída. Caminhamos de maneiras diferentes para o mesmo muro. Você gloriosamente e eu muito aborrecida.”⁶³ Jô está

⁶⁰ M. J. de Carvalho, *Tanta gente, Mariana*, p. 46.

⁶¹ Idem *ibidem*, p. 56.

⁶² Nelly Novaes Coelho, “O discurso-em-crise na literatura feminina portuguesa”, *Via Atlântica*, n.º 2 1999, p. 125, disponível em <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/48738/52811> (acessado em 19/09/2015).

⁶³ Maria Judite de Carvalho, *Paisagem sem barcos* (Mem Martins: Publicações Europa-América), p. 33.

sem interesse na vida. Como se estivesse completamente abatida por ela. E quando lhe surge a ideia de fazer algo fora do normal, só para fazer renascer o entusiasmo, rapidamente a rejeita. Pensa que não vale a pena. E a situação não muda nem após ela encontrar Mário, o seu primeiro amor. Nem ao seu lado sente-se acompanhada: “Deitados lado a lado e tão sós consigo próprios que nem as mãos se lhes juntavam. Dois raios de sol, paralelos, cujo calor tão quente houvesse, de súbito, gelado.”⁶⁴ No final do conto Mário volta ao Brasil para casar e Jô volta à rotina da sua vida – às conversações, aos telefonemas com Paula e aos encontros com Artur, mas promete a si mesma resolver a situação entre ela e Artur.

De acordo com Benilde Justo Caniato, que dedica o seu trabalho ao tema da solidão tratado pelas autoras portuguesas, são sobretudo as mulheres que se enfrentam com a solidão. E a solidão pode ser o resultado das condições nas quais elas vivem: “Assim, revendo outras narrativas de Maria Judite de Carvalho, parece-nos que ela não pretende mostrar mulheres simplesmente abandonadas, mas o malogro a que foram conduzidas. Fechadas em seus espaços, sozinhas ou em companhia, derrotadas pela vida lá fora, vivem o que lhes resta viver num mundo de amargura e de solidão.”⁶⁵ A relação entre Jô e Artur é uma das causas porque Jô sente-se sozinha. A relação deles não funciona tal como ela gostaria. Porém, ela segue-a e fecha-se na sua solidão que nem se resolve ao lado do outro homem. Mesmo que seja acompanhada, ela sente-se sozinha.

No conto “A Avó Cândida” a relação homem-mulher também desempenha um papel importante. Clara é uma mulher que vive sozinha e todos os homens que encontra abandonam-na. Isto faz-lhe sentir-se sozinha. Contudo, do trecho seguinte podemos ver que havia momentos quando ela acreditava que a presença do homem resolveria a sua solidão. Clara procura a saída da sua solidão ao lado dos homens mas, é só a saída dum sentimento que está sempre com ela e não depende da existência de alguém outro, ou seja, a solidão faz parte do seu carácter: “Acreditado nele e em si, mas tudo por culpa dele, porque lhe dissera tantas coisas que ela julgara que de facto o amava e que lhe podia encostar todos os seus medos e todas as suas incertezas que na sua companhia

⁶⁴ Idem, *ibidem*, p. 56.

⁶⁵ Benilde Justo Caniato, “A solidão como tema das escritoras portuguesas”, *I encontro paulista de professores de literatura portuguesa – História, Memória, Perspetivas*, Universidade de São Paulo (2005), p. 62, disponível em <https://www.yumpu.com/pt/document/view/20807402/anais-do-i-encontro-paulista-de-professores-de-fflch-usp> (acessado em 24/08/2015).

nunca mais se sentiria só. E já lá iam tantos anos e ele agora estava ali e nem mesmo a viu porque saltou com o carro em andamento como era seu costume”⁶⁶

O conto “Tudo vai mudar” conta a vida de Fausto. É um dos contos cujo protagonista é um homem, o que não é muito frequente nos contos de Maria Judite de Carvalho. Os protagonistas masculinos, porém, enfrentam os mesmos problemas e situações como as mulheres. Fausto é um homem modesto cuja vida cheia de trabalho nunca foi feliz. Ele tem a sua família e trabalha num escritório. Ele gostaria de alguma maneira de melhorar a vida deles. A sua filha gostaria de estudar piano, a sua mulher precisaria de mais descanso, ele gostaria de comprar um fato novo e todos gostariam de mudar de casa. São as preocupações de qualquer homem e ele tem vários sonhos que poderiam resolver a situação mas nenhum deles parece ser real. O protagonista tem medo de mudar a situação e resigna sem tentar resolver os seus problemas. Os sonhos são para ele a única maneira de como ele consegue seguir a sua vida: “Tem vivido – há quase anos! – esperanças construídas no ar, sem alicerces nem paredes mestras nem telhado. Só janelas abertas onde não se debruça, porque nem isso se atreve a fazer, onde se limita a espreitar, e que abrem todas elas sobre um impossível, que ele absorve aos poucos, receoso. Sem elas não teria podido sobreviver.”⁶⁷ Cada sonho não cumprido como se trouxesse ainda maior isolamento e mais forte resignação e, afinal, a situação torna-se para ele já tão cansativa e desesperada que ele prefere morrer. As coisas mudam quando aparece um desconhecido que lhe salva a vida e, depois de sentar-se com ele a beber um copo, na hora de despedir-se, oferece-lhe o seu fato e promete ajudá-lo. O encontro com este homem desconhecido e o fato representa uma esperança para Fausto. Ele novamente encontra a vontade de viver e está alegre. Esquece-se de tudo mau. Contudo, antes de chegar a casa, é atropelado e morre a caminho do hospital. A solidão de Fausto é o resultado da sua incapacidade de mudar a situação. Falta-lhe a vontade para fazer algum passo decisivo. Por outro lado, ele foi sempre assim: “A verdade é que Deus nunca mais lhe deu sinal de si e Fausto nunca soube procurar os outros, implorar o amor dos outros, fossem eles deuses ou homens. E agora está sozinho.”⁶⁸ Ele vive na sua solidão, longe dos outros, e não consegue viver dentro da sociedade.

Também Camila, a protagonista de conto “O Grito”, encontra-se na margem da vida social. Como se nem existisse para os outros: “Passava despercebida, os outros não a

⁶⁶ M. J. de Carvalho, *Tanta gente, Mariana*, p. 70.

⁶⁷ M. J. de Carvalho, *Paisagem sem barcos*, p. 79.

⁶⁸ Idem, *ibidem*, p. 84.

reconheciam logo, tinham que pensar duas vezes, era fácil de perceber. Também esqueciam facilmente o que dizia. Acontecia-lhe dar uma opinião qualquer, e logo depois, durante a conversa, atribuírem as suas palavras a outra pessoa.”⁶⁹ E no conto “A Vida e o Sonho” o impacto da sociedade é tão forte que o protagonista já não tem forças nem vontade para tentar de mudar a situação. O destino do protagonista é determinado pelas circunstâncias: “Podia ter sido caixeiro-viajante, maquinista de comboios ou marinheiro. Não o porém nenhuma dessas coisas porque nós não nos fazemos, somos construídos pelas circunstâncias.”⁷⁰

Urbano Tavares Rodrigues, marido da escritora, descreveu a sua obra da maneira seguinte: “Maria Judite de Carvalho (1921 – 1998) foi a escritora da solidão e do silêncio das ‘palavras poupadas’.”⁷¹ A palavra “silêncio(s)”, tanto como a “solidão”, aparece frequentemente na obra de Maria Judite de Carvalho. A comunicação desempenha o papel importante nos seus contos, mas é a comunicação que não funciona – em vez de estabelecer uma relação entre as pessoas, afasta-lhes e acaba em silêncio. É uma das características do estilo da autora: o monólogo interior que permite entrar na cabeça das personagens prevalece antes do diálogo.

No conto “Seta Despedida”, logo nas primeiras páginas, podemos ler: “E havia em toda a casa o grande silêncio dos segredos e dos risos abafados”.⁷² Desde o começo deste conto o silêncio está presente. Ao desenvolver-se o enredo vemos que se trata duma história cuja protagonista teve uma infância difícil. Os seus pais separaram-se e ela não foi bem aceite no coletivo da escola por ter roubado uma caneta. As suas relações de adulta são superficiais e não há compreensão entre ela e o mundo no qual vive. Confessa que às vezes nem ela mesma compreende a si própria: “Apetece-lhe responder que morreu e ressuscitou, que estava na idade dos peixes e houve um cataclismo e se encontra agora na dos lagartos, mas ninguém iria compreender as suas palavras. Nem ela própria.”⁷³ Quando há reuniões de amigos na sua casa, a protagonista, ao ver o que está a acontecer ao seu redor, sente-se excluída da companhia, despercebida: “Ela é nessas alturas uma pessoazinha incolor, apagada, às vezes ausente, porque em certas ocasiões acontece-lhe despir o corpo, deixá-lo na cadeira, ou, melhor ainda, no *maple*

⁶⁹ M. J. de Carvalho, *Seta despedida*, p. 112.

⁷⁰ M. J. de Carvalho, *Tanta gente, Mariana*, p. 59.

⁷¹ Urbano Tavares Rodrigues. *Tanta Gente, Mariana*. Alfragide: Leya, 2011, a capa do livro.

⁷² M. J. de Carvalho, *Seta despedida*, p. 11.

⁷³ Idem, *ibidem*, p. 13.

que está habituado a coisas dessas, parte, vai para bem longe.”⁷⁴ E nem compreende as pessoas ao seu redor: “Sente-se então longe longe, como se os outros falassem uma língua estranha, ou como se o mal fosse dela, bicho esquisito entre bichos de uma mesma raça.”⁷⁵ Afinal, nem o seu marido percebe as suas ânsias, de maneira que nem da sua parte ela pode esperar o entendimento: “Ele não compreendia e ela não sabia explicar-se melhor. Ou não podia. Ou não o desejava.”⁷⁶ O conto inteiro como se fosse baseado no desencontro que surge entre a protagonista e o resto do mundo. E este desencontro, que tem as suas razões na falta de comunicação, é uma das causas principais de a protagonista sentir-se sozinha no mundo.

A comunicação desempenha o papel importante também nos contos “O Passeio no Domingo” e “A Noiva Inconsolável”. E também neste caso a falta da comunicação leva as protagonistas à solidão. No primeiro exemplo, no conto “O Passeio no Domingo”, a protagonista afastou-se tanto do seu marido que já nem é capaz de falar com ele: “Era uma pobre mulher atraída por um marido fiel e que um dia – uma noite – em frente dele a trabalhar na sua escrita, dera consigo só no mundo incapaz de lhe dizer uma frase qualquer, dessas que se dizem para encher o silêncio. Não, os ressentimentos acumulados haviam-lhe secado a voz, e as frases que tinha para lhe dar eram todas elas curtas e estritamente necessárias.”⁷⁷ No conto “A Noiva Inconsolável”, é a protagonista que se recusa a comunicar com os outros e se fecha no seu mundo interior: “No seu foro íntimo, Joana tratava-os pelos nomes próprios, respondia-lhes com o seu silêncio, com o livro que lia durante as refeições para não ser obrigada a ouvi-los, para se recusar a ouvi-los. Não os detestavam nem isso, simplesmente eles não a interessavam. Sentia-se longe, sozinha no mundo, em parte nenhuma. Era tudo.”⁷⁸

Algumas das características dos protagonistas da coletânea *As Palavras Pougadas*, dadas por Daniela Oliveira, podem ser aplicadas também aos protagonistas dos outros contos: “Assim, no seguimento do que havíamos referido, os protagonistas de *As Palavras Pougadas* são, de um modo geral, seres angustiadamente sós, mas que não reúnem capacidades ou motivações de combater o seu isolamento perante a sociedade. Ainda que sintam uma necessidade extrema de comunicar, necessidade essa que emerge como

⁷⁴ Idem, *ibidem*, p. 20.

⁷⁵ Idem, *ibidem*, p. 20-21.

⁷⁶ Idem, *ibidem*, p. 28.

⁷⁷ M. J. de Carvalho, *Tanta gente, Mariana*, p. 128.

⁷⁸ Maria Judite de Carvalho, *As palavras pougadas* (Mem Martins: Publicações Europa-América, 1988), p. 106.

um imperativo social e psicológico, mergulham cada vez mais no seu próprio isolamento.”⁷⁹

Já vimos que a solidão nos contos de Maria Judite de Carvalho muitas vezes é percebida como um sentimento negativo. É desagradável e os protagonistas sofrem por causa de estarem sozinhos. Muitas vezes o sentimento da solidão é equivalente ao abandono ou isolamento - Mariana é abandonada por todos, Jô sente-se sozinha ao ser acompanhada pelo seu amante ou pela amiga, etc. No conto “Anica nesse tempo” podemos ler: “E ele talvez fosse o peixe dos abismos capaz de suportar sobre si mares de solidão e de silêncios.”⁸⁰ Outro exemplo encontramos no conto “Rosa numa Pensão à Beira Mar”: “Daqueles momentos de solidão também, muito difíceis (ela bem o sabia) que quase nos fazem gritar, talvez para haver alguém que olhe, que veja, que pense momentaneamente em nós. Era ele.”⁸¹ O no conto “A Vida e o Sonho” lemos: “Levei anos – quantos? – a querer fugir duma solidão que me aterrorizava só de pensar nela, passei o tempo a acreditar nas pessoas e logo a deixá-las tombar das minhas mãos abertas.”⁸² Um exemplo encontramos também no conto “Tanta gente, Mariana!”, já referido antes: “Não sentia coisa nenhuma, a não ser as malhas da meia direita a escorrerem-lhe pela perna abaixo e também o salto que de vez em quando a fazia tropeçar. Estava num dos seus dias negro. Só.”⁸³ E também a protagonista do conto “Frio” confessa a sua solidão que evoca nela o frio e abandono: “Queria pensar, mas de repente não dispunha de palavras nem de ideias suas ou até feitas, herdadas aprendidas em tempo de aprender coisas. Estava sozinha no mundo e o mundo era aquela rua tão fria e deserta.”⁸⁴ Em todos estes exemplos, Maria Judite de Carvalho liga a solidão com as palavras que evocam os sentimentos negativos e desagradáveis, assim dizendo muito sobre como os protagonistas se sentem.

A solidão na obra de Maria Judite de Carvalho, porém, não é necessariamente um sentimento indesejado. Mesmo que não seja tão frequente, em alguns contos da autora encontramos, também, os exemplos quando os protagonistas querem ficar sozinhos. Assim, temos o exemplo de Jô de conto “Paisagem sem barcos” que procura os

⁷⁹ Daniela Oliveira, “Voz silente: Uma análise de As Palavras Poupadas de Maria Judite de Carvalho”, *Forma Breve*, n.º 3 (Aveiro: 2005), p. 284, disponível em <http://revistas.ua.pt/index.php/formabreve/article/view/218/189> (acessado em 07/11/2015).

⁸⁰ M. J. de Carvalho, *Paisagem sem barcos*, p. 137.

⁸¹ Idem, *ibidem*, p. 97.

⁸² M. J. de Carvalho, *Tanta gente, Mariana*, p. 59.

⁸³ Idem, *ibidem*, p. 31.

⁸⁴ M. J. de Carvalho, *Seta despedida*, p. 131.

momentos de solidão, mesmo que o isolamento dos outros e a falta da compreensão a preocupem: “Nunca havia horas tão importantes como aquelas em que estava sozinha. As outras eram igualmente ficção e só depois, a sós consigo própria, adquiriam uma certa consistência e uma atualidade relativa.”⁸⁵ Ou a protagonista do conto “A Alta”, uma mulher velha, também aprecia os momentos quando está a sós: “ ‘Por que não vem morar connosco?’ , dissera-lhe o filho por várias vezes. ‘Que horror estar aqui sozinha!’ Ela sorria, devia sorrir, porque ele, o seu filho tão amado, não percebia nada de nada, e nem sequer suspeitava de que ela só ao entrar a porta de casa, só a fechá-la, se sentia tranquila, protegida, quase feliz.”⁸⁶

Em muitos dos contos de Maria Judite Carvalho a solidão é uns dos temas principais. A solidão dos protagonistas de Maria Judite de Carvalho é ligada com o abandono, o isolamento e, na maioria dos casos, com o sofrimento. Vimos que muitos dos protagonistas confessam a sua solidão, ou seja, eles estão conscientes dela. Em alguns casos é só por eles ficarem sozinhos. Há exemplos quando a solidão piora por causa de as relações com a família ou os amigos não serem funcionas. E, porque as pessoas não conseguem comunicar entre si. Mencionámos os exemplos quando os protagonistas procuram alguma maneira de sair da sua situação. Mariana do conto “Tanta Gente, Mariana!” tentou de várias maneiras resolver a sua situação, mas não conseguiu e o leitor encontra-se com ela quando já está velha e abandonada. A contrário, Fausto do conto “Tudo vai mudar” encontra-se numa situação quando já nem quer tentar mudar a sua situação. Ele só tem os sonhos, mas não vê a solução. Assim como por exemplo a protagonista do conto “Seta Despedida”, que já nem quer ou consegue melhorar as relações com o seu marido. E a solidão da protagonista “A noiva inconsolável” torna-se a mais radical, porque a protagonista ela mesma voluntariamente recusa a gente ao seu redor. Por outro lado, também encontrámos os exemplos quando os protagonistas querem ficar sozinhos por causa de aproveitarem a solidão para encontrar um pouco do descanso. Foi Jô do conto “Paisagem sem Barcos” e a protagonista do conto “A Alta”. Daniela Oliveira, ao caracterizar os protagonistas de Maria Judite de Carvalho, conclui o seu artigo de maneira seguinte: “ [...] os homens e mulheres que protagonizam as obras de Maria Judite de Carvalho são preenchidos por uma profunda solidão que os atormenta ao longo de toda a sua vida, uma solidão que não provém de elementos

⁸⁵ M. J. de Carvalho, *Paisagem sem barcos*, p. 44.

⁸⁶ M. J. de Carvalho, *Seta despedida*, p. 67.

exteriores, mas crava fundas raízes no ser das personagens.”⁸⁷ E a mesma opinião, ou seja, que a solidão faz parte do carácter dos protagonistas de Maria Judite de Carvalho, é confirmada por Elisabete Bárbara: “De facto, as personagens de Maria Judite de Carvalho dão corpo ao desencanto e ao desconforto existencial, exibindo uma solidão tão orgânica que nela se encontram definitivamente enclausuradas.”⁸⁸ Maria Judite de Carvalho apresenta-nos várias faces de como os seus protagonistas percebem e aguentam a solidão da qual eles não encontram a saída. A falta da comunicação e das relações funcionais e estáveis, a impossibilidade de realizar as suas ambições e desejos, ou o fato que lhes falta pouco tempo para viver, só intensifica o sentimento da solidão deles.

⁸⁷ Daniela Oliveira, “Voz silente: Uma análise de As Palavras Poupadas de Maria Judite de Carvalho”, *Forma Breve*, n.º 3 (Aveiro: 2005), p. 284, disponível em <http://revistas.ua.pt/index.php/formabreve/article/view/218/189> (acessado em 07/11/2015).

⁸⁸ Elisabete Bárbara, “Do dizer e voltar a dizer em Maria Judite de Carvalho: uma nova perspetiva”, *Forma Breve*, n.º 2 (Aveiro: 2004), p. 221, disponível em <http://revistas.ua.pt/index.php/formabreve/article/view/192/164> (acessado em 20/09/2015).

4. Entre o desencontro e as palavras poupadas

O tema da solidão encontramos nos contos de ambas as autoras e podemos considerá-lo como um dos temas principais. Tanto Maria Judite de Carvalho como Lygia Fagundes Telles encontram a inspiração na vida da sociedade contemporânea e retratam a rotina da vida quotidiana. As suas personagens são homens e mulheres ordinários. Porém, no seu interesse está sobretudo o aspeto difícil e complicado da vida. Ambas apresentam-nos os problemas, os medos, as preocupações ou as decepções das personagens. Portanto, a solidão que aparece nas suas obras é muitas vezes ligada com a falta da comunicação, com os problemas entre as mulheres e os homens ou com o desinteresse pelo outro em geral. Tudo isto são as coisas que as duas autoras partilham. Contudo, a solidão de Maria Judite de Carvalho é uma solidão de silêncios, um sentimento profundo cravado na alma das personagens sobretudo femininas, uma solidão ligada à resignação e à falta das forças de viver. Na maioria dos casos trata-se duma solidão existencial que faz parte do carácter das personagens e que não é possível mudar. A solidão de Lygia Fagundes Telles é uma solidão de desencontro, de abandono. As personagens sentem-se abandonadas pelos outros, ou seja, trata-se de um sentimento que resulta da falta da companhia. É uma solidão que é dura e, às vezes, até cruel com os que passam por ela. É um sentimento frequentemente ligado com a morte, que lhe dota um carácter finito. Ou seja, as condições que causam a solidão das personagens nos contos de Maria Judite de Carvalho e Lygia Fagundes Telles são semelhantes e às vezes até idênticas, porém, o carácter da solidão difere.

Nos contos de ambas as autoras encontrámos exemplos quando as personagens ficam sozinhos, abandonados por outros. Dos contos de Maria Judite de Carvalho mencionemos o exemplo de “O Tesouro”, dos contos de Lygia Fagundes Telles indiquemos o conto “Antes do Baile verde”. Os protagonistas destes contos são homens velhos. E os dois ficaram sozinhos. O primeiro, o protagonista do conto “O Tesouro”, está sozinho porque é a última pessoa viva desta família. Não há ninguém outro. Porém, nem se existisse alguém que poderia estar ao seu lado, o sentimento da solidão desapareceria: “O último homem da família era um homem só a quem o mundo lá de fora fatigava.”⁸⁹ A sua solidão, mesmo que seja insuportável para ele, é ligada com a falta da vontade de viver e com o desinteresse pela vida: “Raramente lia ou via televisão

⁸⁹ M. J. de Carvalho, *Seta despedida*, p. 123.

nas suas horas de ócio, que eram muitas, até porque o médico todas as semanas lhe recomendava pelo telefone – ele ou a sua voz gravada? – que não se preocupasse e fosse tomando aqueles comprimidozinhos azuis que o faziam ver a vida menos negra e menos terrível, ...”⁹⁰ No conto “Antes do Baile verde” a situação é diferente. O velho pai está sozinho porque a sua filha, junto com a sua empregada, preferem ver o desfile do carnaval a tomar conta dum homem velho e doente. A sua solidão é estar a morrer sozinho enquanto elas preparam-se e discutem sobre a sua morte, mas não fazem nada para salvar a sua vida ou pelo menos estar ao seu lado no momento da morte. Como se fosse a culpa dele, de ser velho e estar a morrer: “Há meses que venho pensando nesse baile. Ele viveu sessenta e seis anos. Não podia viver mais um dia?”⁹¹ Afinal, deixam-no sozinho no quarto.

Os contos das duas escritoras compartilham o fato de se concentrarem na situação da mulher contemporânea. Ambas as autoras frequentemente escolhem mulheres como protagonistas e entram nas suas vidas para apresentar-nos os problemas pelos quais a mulher na segunda metade de século XX passa. No caso de Maria Judite de Carvalho lembremos por exemplo Mariana do conto “Tanta Gente, Mariana”, no caso de Lygia Fagundes Telles lembremos Luisiana do conto “Apenas um Saxofone”. As duas personagens encontram-se numa situação semelhante – são mulheres de meia-idade que ficaram sozinhas. Ambas mantiveram relações amorosas que fracassaram, ambas queixam-se agora da sua solidão que é um sentimento negativo. Porém, Luisiana passou por uma época quando estava feliz e não se sentia sozinha. Foi quando estava com o seu namorado – um menino com o saxofone. A sua solidão pela qual ela passa no momento de contar a história é ligada primeiro com a perda do namorado, segundo com a sua preferência de mandar todos os outros homens para fora. Ela prefere neste momento ficar sozinha e sente o nojo com o mundo ao seu redor. Enquanto Mariana já desde a sua infância sente-se sozinha. A sua solidão é um sentimento que é ligado também com o desprezo por si mesma. Encontramos vários trechos que mostram o sentimento de inferioridade da protagonista: “Mole. E enjoada comigo mesma como se me tivesse provado. Um pedaço de pão que depois de se mastigar muito tempo acabasse sabendo mal.”⁹² E este sentimento de inferioridade é acompanhado com o sentimento de ficar

⁹⁰ Idem, *ibidem*.

⁹¹ ⁹¹ Lygia Fagundes Telles, *Pomba enamorada ou uma história do amor* (Porto Alegre: L&PM Editores S/A, 2002), p. 16.

⁹² M. J. de Carvalho, *Tanta gente, Mariana*, p. 16.

sozinha: “Felizes todos eles, imensamente felizes depois de me terem varrido de si como a um bicho sem importância que os aborrecia.”⁹³ Como podemos ver no exemplo seguinte, Lusiana também tende a desprezar a si mesma, mas no seu caso é mais a maneira de como mostrar a raiva que ela sente consigo mesma. Ela ironiza a sua situação: “Uma puta erudita, tão erudita que se quisesse podia dizer as piores bandalheiras em grego antigo, o Xenofonte sabe grego antigo. E a lesma ficaria irreconhecível como convém a uma lesma numa corola de quarenta e quatro anos.”⁹⁴ Ela é dura consigo mesma e fecha-se numa solidão como se fosse castigo.

O terceiro momento que os contos das autoras partilham é a concentração na relação homem-mulher. Quanto à obra de Maria Judite de Carvalho, analisámos o seu conto “Paisagem sem Barcos”, mas também no conto “Tanta Gente, Mariana” encontramos vários exemplos quando a relação entre as protagonistas e os homens é penetrada pela solidão. No caso de Mariana do conto “Tanta Gente, Mariana”, vimos que ela se sente sozinha desde criança. O pai confessa-lhe que vai ser sempre assim e que ninguém a pode salvar. No presente ela já sabe que o seu pai teve razão e ela mesma liga a impossibilidade de sair desta solidão com as suas relações com os homens, inclusive com o seu pai: “Ninguém pôde. Nem o meu pai, que, coitado, havia de morrer poucos meses depois, nem mais tarde o António e depois o Luís Gonzaga. A minha vida é como um tronco a que foram secando todas as folhas e depois, um após outro, todos os ramos. Nem um ficou. E agora vai cair por falta de seiva.”⁹⁵ Porém, há momentos quando ela acredita que o sentimento da solidão não tem de estar sempre presente. No exemplo seguinte vemos a sua esperança, ligada com a relação entre ela e o seu marido António: “Não o acreditei [ao pai] porque era uma rapariguinha e esperava muitas coisas da vida. Tantas que já nem me lembro quais elas eram. Sentia-me só mas sabia que não seria sempre assim. Tinha a certeza disso. Quando alguns anos depois saí do colégio para a vida livre e encontrei o António, pensei que o pai afinal não sabia nada.”⁹⁶ Contudo, eles divorciam-se após algum tempo. Mariana procura ao lado dos homens o consolo, a companhia e a compreensão. Ela acredita que a presença do homem vai resolver a solidão dela. Porém, as relações muitas vezes ainda aprofundam esta solidão. A personagem Jô, do conto “Paisagem sem Barcos”, às vezes até gosta da

⁹³ Idem, *ibidem*, p. 19.

⁹⁴ Lygia Fagundes Telles, *Antes do baile verde* (Círculo de Leitores, 1974), p. 33.

⁹⁵ M. J. de Carvalho, *Tanta gente, Mariana*, p. 14.

⁹⁶ M. J. de Carvalho, *Tanta gente, Mariana*, p. 14.

solidão. Lembremos o trecho em que ela fala sobre a solidão como dum sentimento que a ajuda a perceber a realidade: “Nunca havia horas tão importantes como aquelas em que estava sozinha. As outras eram igualmente ficção e só depois, a sós consigo própria, adquiriam uma certa consistência e uma atualidade.”⁹⁷ Porém, há uma outra solidão que a inquieta. A solidão que provém de não conseguir entrar no espaço das outras pessoas e viver com elas. E a sua relação com Artur, que nem é oficial, é uma das causas que provocam nela este sentimento. Isso nota-se, por exemplo, no momento quando ela visita Artur no trabalho e ele a trata como se fosse só uma pessoa conhecida qualquer: “ ‘Pois senhora dona Joana, muito prazer em vê-la. E não venda esses papéis, são de melhor que há. Coisa sólida. Muitos cumprimentos em sua casa.’ Aperta-lhe a mão friamente sem ver que ela corou, se súbito envergonhada, desejosa de já ali não estar, de nunca ali estar. Envergonhada de existir e de ele lhe apertar friamente a mão.”⁹⁸ Esta relação faz-lhe de novo sentir-se imprópria e insegura consigo mesma. Afinal promete a si mesma resolver a situação, mas só no dia seguinte: “Então tudo isso lhe pareceu insuportável e resolveu que no dia seguinte teria uma conversa com ele, talvez aquela em que pensou, talvez outra. Uma conversa definitiva, em todo o caso. A mãe tinha razão. Paula tinha razão. Amanhã.”⁹⁹ As duas protagonistas de Maria Judite de Carvalho sentem a solidão mesmo ao lado dos homens. É um sentimento constantemente presente que se ressalta ainda mais quando os homens percebem e tratam a passividade suave das mulheres como inferioridade e fraqueza. A protagonista de Lygia Fagundes Telles do conto “Os Mortos” ficou sozinha porque o seu marido abandonou-a e, ao mesmo tempo, a relação deles continua estar cheia de incompreensão e brigas. O que não fica muito longe dos exemplos de Mariana e de Jô. Porém, neste caso a protagonista dá-se conta da sua solidão só quando o marido a deixa. É uma solidão ligada à perda física da pessoa próxima: “É que nem sei se sou culpada. Às vezes acho que sou, outras vezes acho que não, não sei, não sei. Sei que o perdi e me perdi para sempre. Ali no cinzeiro ainda há um pouco de cinza do último cigarro que fumou.”¹⁰⁰ E com a perda do marido ela perde também a si mesma e fecha-se no seu mundo interior: “ – O doutor vai jantar em casa? – perguntou Marta. – O doutor viajou – respondi. Podia ter dito: o doutor morreu. Não seria o mesmo? Luís Filipe não voltará, eu sei. Sua cama continuará vazia. Lá debaixo

⁹⁷ M. J. de Carvalho, *Paisagem sem barcos*, p. 44.

⁹⁸ Idem, *ibidem*, p. 27.

⁹⁹ Idem, *ibidem*, p. 76.

¹⁰⁰ L. F. Telles, *Antes do baile verde*, p. 193.

vem um ruído de talheres e na calçada tem crianças rindo. Mas tudo está muito longe de mim.¹⁰¹

Na parte teórica que dedicámos à delineação do termo “solidão” notámos que a comunicação entre as pessoas desempenha o papel importante nesta problemática. Nos contos de ambas as autoras podemos encontrar vários exemplos disso. Dos contos de Maria Judite de Carvalho escolhemos “Seta Despedida”. A solidão da protagonista vem do fato de ela ficar isolada no seu mundo de silêncio e incompreensão. A vida que ela segue é uma vida que ela mesma não percebe porque se sente como se vivesse a vida dos outros, e não a sua. A maneira de como ela tenta sair desta solidão é via comunicação. No trecho seguinte podemos ver que a sua vida é só a rotina e o silêncio. Na sua vida falta a comunicação com os outros mas, ela tenta de sair desta situação ao romper o silêncio: “Porque o que lhe caíra ao pé dizia que a rotina, pois claro, mas a rotina do marido. E que ela vivia, desde o dia em que se tinham encontrado, na rotina dele, e antes disso na mãe, Que, em suma, nem a rotina era sua, nunca fora. Houvera alguns gritos a rasgar o silêncio mas quase todos estavam esquecidos.”¹⁰² Ela sente-se imprópria e diferente dos outros. Lembremos mais uma vez mais o momento quando ela está entre os seus amigos: “Sente se então longe longe, como se os outros falassem uma língua estranha, ou como se o mal fosse dela, bicho esquisito entre bichos de uma mesma raça.”¹⁰³ A comunicação é uma maneira e, ao mesmo tempo, a esperança da protagonista de acabar com a sua solidão e com o silêncio. No caso de Lygia Fagundes Telles demos como exemplo o conto “A Ceia”. Neste caso a comunicação entre o ex-casal tampouco funciona. Porém, os dois encontram-se para falarem da sua situação após a separação. Ou seja, há uma vontade de falar, mas cada um fala sem ouvir e tentar de entender o outro. Falta um ponto de encontro na sua comunicação que, em vez de aproximá-los, afasta-os. Alice, no final do conto, quer ficar sozinha. Enquanto no caso da protagonista de Maria Judite de Carvalho se trata duma solidão existencial que ela não escolhe e que realmente a exclui da companhia dos outros, a solidão de Alice é a solidão que ela prefere antes da companhia de alguém que não responde.

Tal como nos textos de Maria Judite de Carvalho, também nos de Lygia Fagundes Telles as palavras como “a solidão”, “sozinho”, “sós” aparecem frequentemente. É a maneira descrever a solidão explicitamente, como vemos na confissão de Mariana:

¹⁰¹ Idem, *ibidem*, p. 210.

¹⁰² M. J. de Carvalho, *Seta despedida*, p. 22.

¹⁰³ Idem, *ibidem*, pp. 20-21.

“Sinto-me só, mais do que nunca, ainda que sempre o tivesse estado. Sempre.”¹⁰⁴ Logo há momentos quando a solidão não é mencionada diretamente mas mesmo assim sentimos que as personagens passam por ela. É sobretudo nos contos de Lygia onde prevalece esta solidão implícita. Mencionemos, por exemplo, o trecho do conto “Natal na Barca”: “Debrucei-me na grade de madeira carcomida. Acendi um cigarro. Ali estávamos os quatro, silenciosos como mortos num antigo barco de mortos deslizando na escuridão. Contudo, estávamos vivos. E era Natal.”¹⁰⁵ Nos contos de Maria Judite de Carvalho a solidão torna-se uma das características das personagens. Em Lygia Fagundes Telles a solidão é mais uma escolha ou o resultado das circunstâncias nas quais as personagens vivem. Não faz parte do seu carácter. Vimos por exemplo vários momentos quando as personagens de Lygia precisam da solidão porque não aguentam mais a companhia. Em Maria Judite de Carvalho é ao contrário. Prevaecem os momentos quando as personagens procuram os outros para sair da solidão. A sua solidão acaba por ser resignada mas ainda há momentos quando existe a esperança. A solidão de Lygia é fria, irónica e tem o ar de fatalidade.

¹⁰⁴ M. J. de Carvalho, *Tanta gente, Mariana*, p. 13.

¹⁰⁵ L. F. Telles, *Pomba enamorada ou uma história do amor*, p. 42.

Conclusão

Depois de procurar o significado da solidão nas obras filosóficas, nos artigos de sociólogos e psicólogos, depois de ver como as escritoras Lygia Fagundes Telles e Maria Judite de Carvalho desenvolvem o tema da solidão nos seus contos, fechamos todos estes livros e na nossa mesa fica só *O Principezinho*. É o momento de voltarmos às perguntas com as quais abrimos este trabalho: Estamos num deserto abandonado ou ficamos sozinhos, enquanto ao nosso lado sempre passa uma multidão das pessoas? E, por tanto, o que se esconde detrás da palavra “solidão”? Refere-se ao estado de ficar realmente abandonado ou à sensação de não ter ninguém ao nosso lado

Vimos que a palavra solidão pode adquirir vários significados. Primeiro, é um estado de se encontrar sozinho em algum lugar. Nesta situação não há ninguém com quem poderíamos falar ou partilhar o nosso silêncio. Isto é como estar num deserto abandonado. Pode tratar-se duma solidão involuntária, que podemos ver, por exemplo, no caso das pessoas idosas que já não têm os parentes e ficam sozinhas. Às vezes, porém, somos nós mesmos quem quer estar sozinho. Procuramos os lugares tranquilos e abandonados para relaxar um pouco e acalmar a nossa mente porque a vida hoje em dia é rápida e demasiado exigente. Porém, também nas épocas anteriores as pessoas procuravam um espaço que servisse de refúgio dos deveres da vida quotidiana. Este tipo de solidão faz bem à nossa alma e é o estado que nos permite refletir sobre si próprios. Poderíamos, tal como o faz por exemplo Paul Tillich, denominar esta solidão, que faz parte do processo criativo, de uma “solidão positiva”. É uma solidão da qual precisam os artistas e os escritores. Contudo, no mundo atual, cuja atividade mudou para a cidade onde vive uma multidão das pessoas, em que há telemóveis e a Internet que facilitam a comunicação e permitem manter contactos com as pessoas que vivem longe, nós estamos cada vez mais, atrapalhados por esta perpétua presença dos outros e pode parecer-nos que a solidão como um estado físico – do deserto abandonado – desapareceu das nossas vidas.

Logo temos a solidão que é equivalente a um sentimento, a uma sensação. Ou seja, podemos sentir-nos sozinhos também nos momentos quando estamos em companhia. Nos exemplos de *Bíblia* e *Upanishads* vimos que este sentimento da solidão foi importante no momento de criar o mundo. Eva, mulher de Adão, foi criada para ele não se sentir sozinho. O ‘eu’ de *Upanishads* sentiu-se sozinho e, por isso, criou de si mesmo

um homem e uma mulher. Ao acrescentar os argumentos dos outros autores (Aristóteles, Bem Lazare Mijuskovic, Erich Fromm, Zygmunt Bauman, etc.), vimos que a solidão como um sentimento faz parte do ser humano. É um sentimento pelo qual cada um de nós passa e que nos faz sentir a diferença entre o nosso mundo interior e o mundo de fora – uma diferença que nos assusta e incomoda. Esta solidão é difícil de aguentar e provoca em nós o desejo de ser evitada via companhia dos outros. Na maioria dos casos, as palavras como isolamento, abandono, afastamento ou medo caracterizam esta solidão. Porém, vimos que fugir dela não é possível. Ao contrário, as nossas intenções de procurar o alívio no mundo externo acabam em aprofundamento da solidão. A falta da comunicação, os problemas nas relações com outras pessoas ou na organização da sociedade na qual vivemos, tudo isto ainda pode intensificar o nosso sentimento da solidão. A impossibilidade de encontrar a felicidade ao lado dos outros, o sentir-se inútil, abandonado e excluído da sociedade faz-nos sentir a solidão.

A solidão é um dos temas principais nas obras de Lygia Fagundes Telles e Maria Judite de Carvalho. Ambas autoras retratam nos seus contos a vida das pessoas ordinárias e, sobretudo, as vidas das mulheres. Alguns dos contos de Lygia Fagundes Telles contêm elementos fantásticos, mas a maioria das histórias de ambas as autoras concentram-se em problemas da vida quotidiana. Lemos nelas sobre as pessoas que não estão contentes no seu trabalho porque gostariam de fazer alguma outra coisa, só que não conseguem mudar a situação. Vemos como as mulheres procuram a felicidade ao lado dos homens, mas as relações fracassam. Entramos nas vidas das pessoas idosas que ficaram sem as famílias ou passam pelo sentimento de não serem entendidos. Olhamos para os seus desesperos, desilusões, fracassos e esperanças perdidas. E entre tudo isto, a maioria destas personagens passa pelo sentimento da solidão.

Lygia Fagundes Telles apresenta-nos uma solidão que é ligada com o abandono, o isolamento, a perda dos outros e, também, podemos encontrar os exemplos quando a solidão é uma fuga dos outros. Ou seja, as personagens sentem-se sozinhas depois de terem perdido alguma pessoa próxima, depois de os outros as terem deixado sozinhas, ou por ficarem separadas dos outros por um muro de palavras incompreensíveis. Quando falamos da solidão como fuga, trata-se de momentos quando as personagens não aguentam a presença dos outros. Quando a autora fala da solidão, usa frequentemente as palavras que evocam os sentimentos negativos como, por exemplo, “a morte” ou “a treva”. Além disso, o estilo de Lygia leva os traços de tragicomédia,

muitas vezes escondida na ironia que ela usa, e a solidão, também, adquire este ar irónico.

Nos contos de Maria Judie de Carvalho, a solidão é ligada com a resignação perante a vida, com a falta de compreensão, a falta de companhia e, antes de tudo, é uma solidão que faz parte do carácter das personagens. Vimos que em vários casos o sentimento de ficar sozinho no mundo acompanha às suas vidas desde sempre. É um tipo de solidão que, por ser insuportável, faz-lhes procurar a companhia dos outros. Poder falar com outras pessoas, poder entrar no seu mundo e sentir-se atendido em vez de isolado, seria um alívio para estas personagens. Só que na maioria dos casos não é possível. As personagens ou não encontram do que precisam ou não sabem como consegui-lo. As suas intenções acabam em resignação ou desinteresse. A sua solidão é frequentemente ligada com o silêncio ou com a incapacidade de comunicar com os outros.

Resumindo, podemos dizer que as duas autoras partilham o interesse pelo tema da solidão e escolhem para os seus contos situações, personagens e ambientes semelhantes. As faces da solidão que cada uma delas capta, são diferentes. Na obra de Lygia Fagundes Telles encontramos uma solidão fria e pesada que é resultado da falta da presença da pessoa próxima. Na solidão de Maria Judite de Carvalho ainda há esperanças porque há momentos quando as suas personagens tentam sair dela. Por outro lado, é um sentimento que está com elas desde sempre. Não é possível apagá-lo. A solidão de Lygia é mais um sentimento marcado pela aparência de alguma pessoa ou, por exemplo, pelo momento. Voltemos ao *Príncipezinho* pela última vez: não apenas nos desertos abandonados, também entre as as pessoas podemos ficar sozinhos. No primeiro caso, a solidão não é nada de estranho, mas ficar sozinho entre outras pessoas é, às vezes, um castigo que, com um pouco de ironia, faz lembrar uma outra serpente, a serpente da *Bíblia*.

Resumé

Tato práce se zabývá tématem samoty v povídkové tvorbě brazilské spisovatelky Lygie Fagundes Telles a portugalské spisovatelky Marie Judite de Carvalho. Tvorba obou autorek spadá do druhé poloviny 20. století a obě ve svých povídkách zobrazují tvář současné společnosti. Jejich protagonisty jsou obyčejní lidé, kteří řeší problémy každodenního života – osamělí staří lidé, úředníci, kteří zabředli do každodennosti všedního života, nebo ženy, které zůstaly samy. A právě samota je jedním z hlavních témat, které autorky ve svých povídkách ztvárňují. Ve většině případů samotu pociťují ženské postavy.

Samota jako taková se stala předmětem spousty nejen literárních děl. Je to především téma filosofické. Z velké části souvisí s odvěkým pátráním po smyslu lidského života a s uvědoměním si sebe sama. Ve 20. století se samota stala také předmětem sociologického zkoumání a psychologického výzkumu. Ve většině případů je samota chápána jako negativní jev. Být sám vyvolává pocit opuštěnosti, izolovanosti, někdy strachu. Snažíme se samotě předcházet tak, že vyhledáváme společnost. Ne vždy ale s přítomností druhého samota mizí. Můžeme se cítit osamoceni i přesto, že máme po boku druhého člověka. Existuje však i druhá stránka samoty. Samota, která je spojená s tvůrčím procesem.

V díle obou autorek se setkáváme převážně se samotou v tom negativním smyslu slova. Často jde o stav spojený právě s pocitem opuštěnosti, nepochopení, strachu nebo odmítnutí. Přístup autorek se však liší v tom, jaká je příčina jejich samoty. Pocit samoty u Lygie Fagundes Telles je často vyvolán nepřítomností druhého nebo k ní utíkají ti, kteří se ve společnosti druhých necítí dobře. V případě Marie Judite de Carvalho se jedná spíše o samotu, kterou bychom mohli označit jako „existenciální“. Je to pocit, který je podstatou lidské bytosti a tedy její nedílnou součástí. Proto se také její postavy často cítí osamoceny i v přítomnosti druhých.

Summary

The subject of this paper is to find how the Brazilian writer Lygia Fagundes Telles and Portuguese writer Maria Judite de Carvalho represent the loneliness in their short stories. Both of them publish their first books in the fifties of the 20th century and continue through the second part of the 20th century. And, both of them reflect in their works the contemporary society. Their protagonist are an ordinary people who go through the problems of their day-to-day life – an old abandoned persons, employees whose life turned to be grey routine, or abandoned women. The one of the main topics of both authors is the loneliness. In the most of the cases the women are those who are left alone or who go through this feeling.

The Loneliness became the theme of many works. Despite the fact it is frequently chosen as to be the inspiration for the writers, it is primarily the philosophical issue. It comes together with the looking for the answer of meaning of the human existence and the self-awareness of the human being. In the 20th century the loneliness became the subject of many sociological and psychological studies. Loneliness tends to be understood as a negative phenomenon. The feelings such as the desolation, to be distant and separated from the others, or even the fear are provoked when staying alone. The way how we try to avoid it is to stay in company of somebody else. However, sometimes, it does not work and we feel alone even in the presence of the others. Otherwise, there is also a positive loneliness which is linked with creative process.

The loneliness Lygia Fagundes Telles and Maria Judite de Carvalho write about is mostly the negative one. Frequently the words like abandonment, incomprehension, fear, or rejection can be used to describe the loneliness in their works. The difference we can find in the reasons why the protagonists feel to be alone. The loneliness in Lygia's stories is frequently caused by absence of the company or, it is the option for those who do not feel good in the presence of the others. The loneliness in Maria's stories we can call it to be the "existential" one. It is the feeling that makes an essential and inseparable part of the human being. This explains why the characters of Maria Judite de Carvalho feel alone even when accompanied by other persons.

Bibliografia

ARISTOTELES. *Politika*. Praha: Nakladatelství Petr Rezek, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. *O amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. Disponível www.institutoveritas.net/livros-digitalizados.php?baixar=115 (acessado em 18/02/2016).

BÁRBARA, Elisabete. “Do dizer e voltar a dizer em Maria Judite de Carvalho: Uma Nova Perspectiva”. *Forma Breve*, 2004, pp. 221-226. Disponível em <http://revistas.ua.pt/index.php/formabreve/article/view/192/164> (acessado em 25/08/2015).

Bíblia. Disponível em <https://www.wordproject.org/bibles/po/01/2.htm#0> (acessado em 29/02/2016).

CANIATO, Benilde Justo. “A Solidão como Tema das Escritoras Portuguesas”. In *I encontro paulista de professores de literatura portuguesa – Anais: História, Memória, Perspectivas*. São Paulo, 2005. Disponível em <https://www.yumpu.com/pt/document/view/20807402/anais-do-i-encontro-paulista-de-professores-de-fflch-usp> (acessado em 22/06/2015).

CARVALHO, Maria Judite de. *As Palavras Pougadas*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1988.

CARVALHO, Maria Judite de. *Paisagem sem Barcos*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1990.

CARVALHO, Maria Judite de. *Seta Despedida*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1995.

CARVALHO, Maria Judite de. *Tanta Gente, Mariana*. Alfragide: Leya, 2011.

COELHO, Nelly Novaes. “O Discurso-em-crise na Literatura Feminina Portuguesa”. *Via Atlântica*, n° 2, São Paulo, 1999, pp. 120-128. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/48738/52811> (acessado em 22/10/2015).

FERNANDES, Ana Paula. “Tanta gente Mariana e ela tão Só”. Disponível em <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/zips/afernandes01.pdf> (acessado em 12/08/2015).
FROMM, Erich. *Umění milovat*. Praha: Portál, 2015.

LUCENA, Suênio Campos de. “Lygia Fagundes Telles”. *Blecaute: Uma Revista de Literatura e Artes*, n° 14, Campina Grande, 2013, pp. 30-37. Disponível em <http://revistablecaute.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2012/12/Ensaio-Lygia-Fagundes-Telles-Por-Su%C3%AAnio-Campos-de-Lucena-BA-PB-p30.pdf> (acessado em 08/08/2015).

MIJUSKOVIC, Bem Lazare. *Loneliness in Philosophy, Psychology, and Literature*. Bloomington: iUniverse, 2012.

MOISÉS, Massaud. *Pequeno Dicionário de Literatura Portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1981.

MUKHANOVA Iryna, ROMANOVA, Vira. “Positive experiencing of loneliness as a factor of personality socialization in the society”. *Social Welfare Interdisciplinary Approach*, n° 3, 2013, pp. 27-38. Disponível em http://www.su.lt/bylos/mokslo_leidiniai/Social_Welfare/3013_3_1/mukhanova_romanova.pdf (acessado em 06/03/2016).

OLIVEIRA, Daniela. “Voz Silente: Uma Análise de As Palavras Pougadas de Maria Judite de Carvalho”. *Forma Breve*, 2005, pp. 281-295.

OLIVEIRA, Katia. *A Técnica Narrativa em Lygia Fagundes Telles*. Rio Grande do Sul: URGs, 1972.

SILVERMAN, Malcolm. “O Mundo Ficcional de Lygia Fagundes Telles”. In *Moderna Ficção Brasileira 2*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981, pp. 162-184.

SAINT-EXUPÉRY, de Antoine. *Malý Princ*. Praha: DOBROVSKÝ, 2016.

TELLES, Lygia Fagundes. *A Estrutura da Bola de Sabão*. Lisboa: Livros do Brasil, 2001.

TELLES, Lygia Fagundes. *Histórias do Desencontro*. Lisboa: Livros do Brasil, 1960.

TELLES, Lygia Fagundes. *Pomba Enamorada ou Uma História do Amor*. Porto Alegre: L&PM Editores S/A, 2002.

TILLICH, Paul. *The Eternal Now*. New York: Charles Scribner's Sons, 1963. Disponível em <http://www.mercaba.org/SANLUIS/Filosofia/autores/Contempor%C3%A1nea/Tillich/The%20eternal%20now.pdf> (acessado em 16/03/2016).

Upaniṣady. Praha: DharmaGaia, 2014.

RODRIGUES, Urbano Tavares. “Ambiguidade e Ironia em Lygia Fagundes Telles”, *Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, n° 2, 1988, pp. 25-28.

RODRIGUES, Urbano Tavares. *Tanta Gente, Mariana*. Alfragide: Leya, 2011, a capa do livro.

Anotace

Příjmení a jméno autora: Bc. Magdaléna Kulhajová

Název katedry a fakulty: Katedra romanistiky, Filosofická fakulta

Název práce: O Tema da Solidão em Contos de Lygia Fagundes Telles e Maria Judite de Carvalho

Vedoucí práce: PhDr. Zuzana Burianová, Ph.D.

Počet znaků: 107 091

Počet příloh: 0

Počet titulů použité literatury: 27

Klíčová slova: samota, žena, brazilská literatura, portugalská literatura, povídková tvorba, Lygia Fagundes Telles, Maria Judite de Carvalho, 20. Století, současná společnost

Krátká a výstižná charakteristika práce: Tato práce se zabývá tématem samoty v povídkové tvorbě brazilské autorky Lygie Fagundes Telles a portugaské autorky Marie Judite de Carvalho. Samota je v jejich povídkách jedním z hlavních témat a často se cítí být osamoceny ženy. Obě autorky zobrazují ve svých povídkách společnost druhé poloviny dvacátého století a píší o problémech každodenního života obyčejných lidí. První část práce se zabývá samotou jako takovou. Další část je pak věnována ztvárněním samoty u obou autorek a následuje srovnání mezi oběma autorkami.